A última paixão de Fernando Pessoa

José Barreto*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Poemas de Amor, Ángel Crespo, Ofélia Queiroz, Madge Anderson.

Resumo

Ofélia Queiroz é geralmente apontada como o único amor da vida de Fernando Pessoa. Todavia, em 1935, ano da sua morte, Pessoa escreveu em várias línguas um número invulgar de poemas de amor na primeira pessoa, incluindo versos denotando intensa paixão. Esse facto levou Ángel Crespo em 1989 a formular a hipótese de Pessoa ter morrido profundamente apaixonado por uma mulher misteriosa, sobre cuja identidade nunca conseguiu dados plausíveis. Este artigo apresenta uma hipótese de identificação do alvo dessa paixão tardia de Pessoa, partindo da análise de vários dos seus poemas de amor de 1935 e de algumas cartas, até hoje desconhecidas, trocadas no mesmo ano entre ele e Madge Anderson, uma inglesa que visitou repetidamente Portugal a partir de 1929. Madge era irmã de Eileen, que por sua vez era a cunhada de Pessoa, casada com o seu meio-irmão João Maria Nogueira Rosa (ou John).

Keywords

Fernando Pessoa, Love poems, Ángel Crespo, Ofélia Queiroz, Madge Anderson.

Abstract

It is often stated that Ofélia Queiroz was the only love in the life of Fernando Pessoa. However, in 1935, the year of his death, Pessoa wrote in several languages an unusual number of love poems in the first person, including verses conveying intense passion. This led Ángel Crespo to formulate, in 1989, the hypothesis that Pessoa died deeply in love with a mysterious woman, though Crespo did not gather enough plausible information to uncover her identity. This article proposes an identity for the target of Pessoa's late passion, through the analysis of several of his love poems of 1935 and of some letters, previously unknown, exchanged in that same year between him and Madge Anderson, a British woman who repeatedly visited Portugal from 1929 onwards. Madge was the sister of Eileen, who in turn was Pessoa's sister-in-law, married to his half-brother João Maria Nogueira Rosa (aka John).

* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Não podemos saber quantas vezes Fernando Pessoa se apaixonou nem por quem, apesar de ser habitual reduzir-se a sua história amorosa ao caso com Ofélia Queiroz.[1] A ideia do "único amor" começou cedo a radicar-se, antes mesmo de ser publicada em Portugal a correspondência amorosa de Pessoa e Ofélia.[2] Esse namoro fogoso e breve, nove anos depois reincidente, teve a vantagem de ficar documentado, primeiro pelas revelações parciais feitas ainda na *Presença* (QUEIROZ, 1936)[3], depois pela publicação da correspondência recíproca e de um relato colhido da boca da antiga amada, tudo hoje bem conhecido (MOURÃO-FERREIRA e QUEIROZ, 1978; NOGUEIRA e AZEVEDO, 1996; SILVA, 2012). Quando, em 1978, David Mourão-Ferreira publicou as cartas de amor do poeta a Ofélia, afirmou que não se conhecia nem era provável que tivesse existido qualquer outro "episódio sentimental" na vida de Fernando Pessoa (in MOURÃO-FERREIRA e QUEIROZ, 1978: 9).

Ficaram também para a posteridade os poemas do Pessoa apaixonado por Ofélia, igualmente já publicados.[4] Um poeta, quando apaixonado, costuma escrever sobre a sua paixão e Pessoa não fugiu à regra. Mas terá realmente sido Ofélia a única amada da sua vida? Certos poemas de amor de Pessoa encontrados no seu espólio falam de uma "loura" ou de uma misteriosa "mulher casada" que ele terá realmente amado. Assim acreditaram alguns estudiosos pessoanos, entre eles Ángel Crespo, cujas laboriosas pesquisas nunca chegaram a apurar nada de plausível sobre a identidade da secreta amada (ou amadas) do poeta. Por sua vez, o rumor de que Pessoa teria tido uma paixão por Fernanda de Castro foi rotulado de "absurdo" pela própria nas suas memórias, onde também descrevia o poeta como "calado, ensimesmado, de uma timidez que chegava a incomodar-nos" (CASTRO, 1988: 270-271).

Conhecem-se igualmente, da produção poética confiada à arca, poemas de amor pelo sexo masculino escritos na primeira pessoa. São, sobretudo, poemas de amor sonhado ou frustrado, versos lamentosos ou nostálgicos de algo que poderia ter acontecido, mas não aconteceu. Nada indica que, nessa matéria, Pessoa tenha ido além da palavra escrita, embora aparentasse, de facto, ter padecido solitariamente tais paixões.

Os poemas de amor na primeira pessoa não abundam propriamente na obra de Pessoa. Todavia, em 1935, ano da sua morte, ele produziu – sempre para a arca – um número invulgar desses poemas, na sua maioria em inglês, outros em

---

[1] Este artigo contou com valiosas colaborações de Carlos Pittella Leite, Rijn du Toit, Ricardo Vasconcelos e Kerry Howard.

[2] O primeiro estudo sobre o caso amoroso de Pessoa e Ofélia já exprimia essa convicção. Trata-se de uma comunicação ao "First International Symposium on Fernando Pessoa" (Brown University, 1977), que só recentemente viu a luz do dia (SEVERINO e JENNINGS, 2013).

[3] Nessa primeira revelação do namoro de Pessoa com Ofélia Queiroz, o nome desta não era revelado, sendo substituído por asteriscos.

[4] Além dos poemas divulgados por Maria da Graça Queiroz (in MOURÃO-FERREIRA e QUEIROZ, 1978: 22-38), veja-se LOPES (1990: 57-61) e PIZARRO *et al.* (2013: 179-183 e 187-193).

português e em francês, incluindo versos claramente apaixonados. Ángel Crespo publicou em 1989 um conjunto desses poemas, datados sobretudo de 1935, alguns deles inéditos, num artigo que intitulou "El último amor de Fernando Pessoa", no qual sustentava pioneiramente a tese de que "Pessoa murió profundamente enamorado de una mujer" (CRESPO, 1989: 14).

É sabido que a poesia de amor não tem uma relação necessária, directa ou imediata com factos coevos da vida dos seus autores. Há mais de meio século, já Adolfo Casais Monteiro – falando, aliás, de Fernando Pessoa, a quem chamou "o insincero verídico" – alertou para os perigos da interpretação da poesia a partir de dados biográficos do poeta (MONTEIRO, 1954). Igualmente arriscado seria o oposto, ou seja, tentar extrair dados biográficos de uma obra poética. Porém, aquilo que acima se designou *versos apaixonados* não deixa, por via de regra, muitas dúvidas sobre a existência de uma relação com a vida afectiva de um poeta no momento em que os escreve. É o caso de versos escritos na primeira pessoa e no presente, dirigidos ao ser amado, nos quais o poeta manifesta uma dor pungente causada pela separação física do seu amor – algo que, vulgarmente, não se inventa nem se fantasia.

No caso de Fernando Pessoa, pode dar-se como exemplo o seu poema cujo *incipit* é "The happy sun is shining...", datado de 22 de Novembro de 1935, ou seja, uma semana antes de morrer. O poema, que abaixo se transcreve do original manuscrito (BNP/E3, 49A^{7}-19; ver fac-símile mais adiante)[5], é dirigido a uma amada ausente "far away", por quem o coração do poeta anseia. O refrão das três estrofes que o compõem é "What matters is just you". Reforça o tom realístico desse poema a circunstância de se somar a outros, de temas afins, quiçá de "sinceridade" variável, escritos no mesmo ano (alguns desses poemas vão aqui transcritos nos Anexos). Adiante se verá que circunstâncias poderão ter originado este poema – talvez o último escrito por Pessoa em qualquer língua, pois nenhum tem data posterior.

The happy sun is shining,	O sol feliz brilha
The fields are green and gay,	Os campos estão verdes e alegres
But my poor heart is pining	Mas o meu pobre coração anseia
For something far away.	Por algo que está longe.
It's pining just for you,	Anseia só por ti,
It's pining for your kiss.	Anseia pelo teu beijo
It does not matter if you're true	Não importa se és fiel
To this.	A isto.
What matters is just you.	O que importa és só tu.
I know the sea is beaming	Sei que o mar reluz

[5] Publicado com vários erros por Ángel CRESPO (1989: 25). Publicado sem a terceira estrofe por Luísa Freire (in PESSOA, 2000: 198). Publicado com um erro por Richard Zenith (in PESSOA, 2016: 202-203).

Under the summer sun.	Sob um sol de verão.
I know the waves are gleaming,	Sei que as ondas cintilam
Each one and every one.	Cada uma e todas elas.
But I am far from you,	Mas eu estou longe de ti,
Oh so far from your kiss!	Oh tão longe do teu beijo!
And that's all that is really true	E apenas essa é a verdade
In this.	Nisto.
What matters is just you.	O que importa és só tu.
Oh, yes, the sky is splendid,	Oh, sim, o céu resplende,
So blue as it is now,	Tão azul, agora mesmo,
The air and light are blended	Confundem-se ar e luz
Oh, yes, but, anyhow,	Oh, sim, mas, no entanto,
Nothing of this is you,	Nada disto és tu,
I'm absent from your kiss	Eu estou ausente do teu beijo
That's all I get that is sad and true	Só essa triste verdade colho
From this.	Disto.
What matters is just you.	O que importa és só tu.[6]

Quem poderá ter inspirado este ou outros poemas de amor de 1935, altura em que a paixão de Pessoa por Ofélia se encontrava, há muito, aparentemente extinta? Não sendo do tipo de questões a que habitualmente se possa responder com muita segurança, nada impede, porém, que se confronte esta última vaga poética amorosa de Pessoa – rara no autor, volte a sublinhar-se – com peças da sua correspondência de 1935 e certos factos desse ano relatados mais tarde por familiares do poeta. Esse conjunto de circunstâncias permite sugerir hipóteses com alguma verosimilhança, mas não prová-las, obviamente.

Madge Anderson

Um biógrafo de Pessoa, José Paulo Cavalcanti, baseando-se em testemunhos orais recolhidos junto dos familiares do poeta, referiu-se brevemente a uma inglesa, Madge Anderson, como tendo tido uma "relação misteriosa" e uma "simpatia recíproca" com Fernando Pessoa (CAVALCANTI, 2011: 127). Muito antes disso, nas *Cartas de amor de Ofélia a Fernando Pessoa*, Manuela Nogueira, sobrinha do poeta, já se referira vagamente a Madge, identificando-a como "a inglesa" de quem Ofélia falava numa das suas cartas para Pessoa (NOGUEIRA e AZEVEDO, 1996: 256).

Madge Anderson (1904-1988) era irmã de Eileen Anderson (1902-1987), cunhada de Pessoa, pois era casada com o seu meio-irmão João Maria Nogueira Rosa (ou John), um bancário que vivia em Londres. Os outros dois meios-irmãos de Fernando Pessoa eram Henriqueta Madalena (ou Teca), a mais velha, que vivia

[6] Tradução, tanto quanto possível literal, do autor deste artigo, com a colaboração de Ricardo Vasconcelos.

em Portugal, e o benjamim, Luís Miguel (ou Lhi ou Michael), um engenheiro químico que vivia em Inglaterra.

Madge, que casara ainda jovem com um inglês, fez um número indeterminado de viagens a Portugal entre o ano de 1929 – já então em "férias" do seu marido e em vias de se divorciar dele (NOGUEIRA e AZEVEDO, 1996: 252; SILVA, 2012: 276-277) – e Abril-Maio de 1935, data da sua presumível última estadia em Lisboa. Ofélia Queiroz, que em 1929 reatara o antigo namoro com Fernando Pessoa, tomou através dele conhecimento, nesse mesmo ano, da visita a Portugal de Madge, *não acompanhada pelo marido*. Esta última circunstância poderá ter feito soar algum vago alarme na mente de Ofélia, a avaliar pelos comentários depreciativos que teceu sobre Madge.[7] Meses depois, novo sinal de alarme: numa carta de Março de 1930, Ofélia manifestava-se contra o plano de Pessoa de viajar sozinho a Inglaterra, pois poderia "gostar lá de alguma *inglesinha* e ficar por lá" ou "mandá-la vir para cá".[8] Tratar-se-ia aqui de mera intuição de Ofélia ou de alguma suspeita mais fundada? Sabe-se apenas que Pessoa, convidado repetidamente pelo seu irmão Luís Miguel[9], terá projectado uma viagem a Inglaterra, que nunca viria a concretizar-se.

O biógrafo CAVALCANTI (2011: 128) relacionou os encontros que Pessoa e Madge terão tido no período referido com dois poemas do heterónimo Álvaro de Campos: um, sem título, que começa: "A rapariga inglesa, tão loura, tão jovem, tão boa | Que queria casar comigo...", datado de 1930; o outro, "Psiquetipia", de 1933. No primeiro poema, aqui transcrito no Anexo 1, o autor chama "meu único amor" à anónima inglesa. Problema, porém, é que a verdadeira Madge, sendo realmente jovem, pois completou 26 anos em 1930, não seria propriamente "tão loura", mas sim, segundo apurou Cavalcanti junto de familiares de Pessoa, de "cabelo castanho alourado" (2011: 131).

Na última vez que esteve em Portugal, na primavera de 1935, Madge viu frustrado o seu desejo de se encontrar demoradamente com Pessoa e, desolada, terá regressado bruscamente a Inglaterra. Com efeito, após a chegada de Madge a Lisboa, Pessoa decidira "desaparecer" sem dar qualquer explicação. Tal atitude mereceu-lhe a censura da sua irmã Henriqueta Madalena (a Teca) e, mais tarde, da própria Madge, que acusou Pessoa de um "truque" para não se encontrar com ela. Desse "desaparecimento" trata parte da correspondência inédita entre Pessoa e Madge, que adiante se transcreverá.

O nome de Madge Moncrieff Anderson e o seu endereço londrino surgem várias vezes num caderno de argolas usado no verão-outono de 1935 (cf. BNP/E3,

[7] Carta de Ofélia Queiroz a Fernando Pessoa de 25 de Novembro de 1929 (NOGUEIRA e AZEVEDO, 1996: 256-257).

[8] Carta de Ofélia Queiroz a Fernando Pessoa de 3 de Março de 1930 (NOGUEIRA e AZEVEDO, 1996: 292).

[9] Carta de Luís Miguel Nogueira Rosa a Fernando Pessoa, de 15 de Setembro de 1935 (BNP/E3, 115[2]-109).

144F-2[r], 6[r] e 14[r]; ver Fig. 1), em que Pessoa também escreveu vários poemas de amor em inglês. Madge e sua irmã Eileen, que em 1935 completavam respectivamente 31 e 33 anos, eram oriundas de uma família irlando-escocesa. A mãe, Teresa Murphy, nascida em 1874 perto de Dublin, era irlandesa. O pai, James Moncrieff Anderson, nascido em 1875 em Glasgow, era escocês; trabalhou como engenheiro e viveu longos anos na Turquia, onde foi administrador da Companhia de Telefones de Constantinopla, de capital britânico.[10] Os Anderson eram uma família "com *plaid*" e "muito conservadora", segundo afirma Isabel Murteira França, sobrinha-neta de Pessoa e também sua biógrafa (FRANÇA, 1987: 236). Por correspondência inédita de Pessoa para o seu irmão João (John), sabemos que um tio de Eileen e Madge, Jack MacManus, se deslocou em negócios a Portugal em 1934 e se encontrou duas vezes com Pessoa, que guardou dele uma opinião muito favorável.[11]

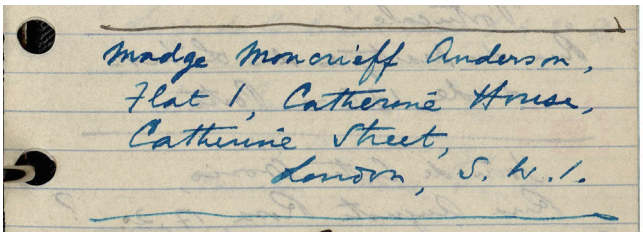


Fig. 1. Endereço londrino de Madge (BNP/E3, 144F-14[r]).

Segundo o testemunho oral do sobrinho de Pessoa, Luís Miguel Rosa Dias, Madge terá trabalhado mais tarde, durante a segunda guerra mundial, na decifração de mensagens alemãs (CAVALCANTI, 127). Esta informação é consistente com um registo que descobrimos do casamento, a 29 de Agosto 1939, em Westminster, de Madge – isto é, Margaret Mary Moncrieff Anderson, seu verdadeiro nome completo[12] – com Frederick William Winterbotham[13], que chefiou a Air Section do Secret Intelligence Service (SIS ou MI6) entre 1929 e 1945. Não há dúvida de que se trata da mesma Madge que Fernando Pessoa conheceu, pois o endereço londrino do casal em 1939 era o mesmo da amiga de Pessoa em 1935.[14]

[10] Consultaram-se os registos de nascimento de Margaret Mary Moncrieff Anderson, James Moncrieff Anderson e Teresa Mary Murphy, bem como o *Annuaire Oriental 1922*, Constantinople: Alfred Rizzo, 1922, p. 174. Agradeço a preciosa ajuda de Rijn du Toit na obtenção destas e de outras informações.

[11] Carta de Fernando Pessoa a João Maria Nogueira Rosa, 2 de Fevereiro de 1934 (espólio familiar, sem cota).

[12] Nas principais fontes oficiais, como o registo de nascimento, o registo da universidade que frequentou e o jornal oficial inglês, o nome completo de Madge aparece como Margaret Mary Moncrieff Anderson. Madge é, pois, neste caso, um diminutivo de Margaret .

[13] "Frederick William Winterbotham", in Mitchell Families Online. Acessível em: http://mfo.me.uk/getperson.php?personID=I15804&tree=W1

[14] 1939 Electoral Register for Westminster, London, in Ancestry.co.uk, record 40020_189923-00369, e 1939 National Register for F. Winterbotham, in Findmypast.co.uk, record TNA-R39-0624-0624E-018.

Fred Winterbotham esteve associado, durante a guerra, ao trabalho "ultra-secreto" do centro de decriptação de telecomunicações de Bletchley Park. O nome de Winterbotham foi praticamente desconhecido do público inglês até 1974, ano em que publicou *The Ultra secret*, que lhe granjeou fama internacional, pois foi o primeiro livro autorizado a relatar, ainda que só parcialmente, a história secreta de Bletchley Park.

A ligação de Madge aos serviços secretos britânicos foi confirmada por uma série de informações oficiais a que tivemos acesso, que elucidam não só o seu percurso profissional, como também os seus principais dados biográficos e a sua formação académica. Margaret Mary Moncrieff Anderson nasceu a 7 de Setembro de 1904 em Cathcart, então subúrbio e hoje parte integrante da cidade de Glasgow.[15] Em 1923, com 19 anos, Madge iniciou os seus estudos na Universidade de St. Andrews, na Escócia, alojando-se na residência feminina do *campus*. Com os pais então a viver na Turquia, o *home address* de Madge registado em St Andrews era o endereço paterno em Constantinopla.[16] Após ter completado, em 1926, uma licenciatura de três anos, dita "General MA"[17], Madge entrou em 1927, com 22 anos, ao serviço do Foreign Office, em Londres, e em 1929 foi nomeada *junior assistant* do mesmo ministério.[18] Em Abril de 1935, na lista de passageiros de um navio com destino a Portugal, a sua profissão declarada é a de *assistant principal*, sem outra precisão.[19] Sempre vinculada ao Foreign Office, foi admitida em Bletchley Park em Agosto de 1939, mês do seu casamento com Winterbotham, com a categoria de *junior assistant* [20], não se sabe com que funções. Meses depois passou, juntamente com o seu marido, de Bletchley Park para a sede do SIS (dita "Broadway") em Londres. A partir de 1942, trabalhou na secção de intercepção de comunicações diplomáticas e comerciais (Diplomatic and Commercial Signals Intelligence) do SIS, situada em Berkeley Street, Londres.[21] Depois da guerra,

[15] National Records of Scotland. 1904 Birth Register. Births in the Parish of Cathcart in the County of Renfrew (p. 183, no. 547).

[16] Informação obtida junto do Alumni Relations Office, University of St Andrews.

[17] O curso estendeu-se pelos anos lectivos de 1923-1924 a 1925-1926 e comprendeu as cadeiras de English Literature, Natural Philosophy (1.º ano), French, Philosophy, Latin (2.º ano), Greek, English Literature, English Language and Philosophy, French (3.º ano). Informação obtida junto do Alumni Relations Office, University of St Andrews.

[18] *The London Gazette*, 6 de Agosto de 1929, p. 5162. O nome indicado é Margaret Mary Moncrieff Anderson.

[19] "Names and description of British passengers embarked at the Port of Southampton, 12th April 1935", in Ancestry.co.uk, record 41039_6001421-00318. O nome indicado é Madge Mary Anderson. Agradeço esta e outras valiosas informações a Kerry Howard, investigadora da história de Bletchley Park.

[20] Bletchley Park - Roll of Honour Certificate em nome de Miss Madge M. Anderson. Acessível em: https://bletchleypark.org.uk/roll-of-honour/171.

[21] Bletchley Park - Roll of Honour Certificate em nome de Mrs. Madge Winterbotham. Acessível em: https://bletchleypark.org.uk/roll-of-honour/9958.

Madge continuou vinculada ao Foreign Office, mas o seu casamento com Fred Winterbotham (que deixou os serviços secretos em 1945) durou apenas até 1946. Madge viveu até aos 83 anos, falecendo, aparentemente sem descendência, a 3 de Julho de 1988[22], ou seja, semanas depois do centenário do nascimento de Fernando Pessoa.

Madge era uma mulher "muito culta, mas tinha um 'feitio' algo complicado", segundo o testemunho de sobrinho de Pessoa, Luís Miguel Rosa Dias (CAVALCANTI, 127). Segundo Manuela Nogueira, reportando-se ao ano de 1929, Madge era "muito inteligente, fria e com um casamento difícil" (in NOGUEIRA e AZEVEDO, 256). A mesma também se referiu a Madge deste modo: "Aquela mulher enigmática que o atraíra [a Pessoa] nas vindas a Lisboa e que logo partia sem uma explicação plausível. Uma louca, achava a família!"[23] Ao citar aqui a opinião da "família", Manuela Nogueira estaria possivelmente a referir-se a Eileen e John, respectivamente irmã e cunhado de Madge, que mantiveram relacionamento com Teca em Portugal.

No segundo semestre de 1935, Pessoa e Madge trocaram cartas, pelo menos duas em cada sentido. A correspondência iniciou-se no final do verão ou início do outono, período em que tanto um como o outro atravessaram crises depressivas. A 10 de Outubro, Pessoa enviou uma segunda carta a Madge, acompanhada de um poema seu em inglês, intitulado "D. T." (iniciais de *Delirium Tremens*), em que falava de amor, do seu alcoolismo e da sua "alma perdida" (cf. PIZARRO e PITTELLA, 2016, 98-102, 273-274). O poema agradou a Madge, que, respondendo a 14 de Novembro, lhe pediu mais versos, para lhe levantarem o ânimo – tal como ela, dizia, tentara anteriormente levantar o ânimo de Pessoa.

Três cartas inéditas

Transcreve-se de seguida a referida correspondência entre Pessoa e Madge – ou o que dela restou no espólio do poeta, pois ter-se-á perdido pelo menos uma carta. São duas cartas de Pessoa e uma de Madge, bem como um postal assinado por esta última, todas até hoje inéditas. Cronologicamente, a primeira peça é um rascunho sem data de uma carta de Pessoa para Madge, datável do fim do verão ou princípio do outono de 1935, na qual Pessoa pede desculpa pelo seu "desaparecimento" quando da última estadia de Madge em Lisboa, em Abril-Maio. Como justificação da sua fuga, Pessoa alega uma crise depressiva. Esta carta provém do espólio familiar.

[22] Notícia de morte de Margaret Moncrieff Winterbotham, *The Times*, 6 de Julho de 1988.

[23] Palestra "Second life" proferida por Manuela Nogueira em 2009. Acessível em: https://ccvirtual.wordpress.com/2009/02/08/a-palestra-de-manuela-nogueira/.

My dear Madge

I have been wanting to write to you for a long time, but, as I never really know what time is, that unknown element has dragged on till now. It generally does this when we do nothing.

My letter will be simply an apology. You arrived here when I was sinking and you stayed here till I had sunk. I have since then come up to the surface, but I would be hard put to it to say what surface that is. I am very sorry for all that happened, meaning my discourtesy in disappearing, but you[24] lost nothing by my disappearance, which was the best action[25] that some remnants of decency could dictate to a man practically lost[26] to the whole of it.[27]

Though I have risen to the apparent surface[28], I am now ready to sink again, and this time, I think, definitely. I should like you to remember me with Christian charity and not with simple human contempt, though this would be the right and proper feeling[29], as the world is.

Most sincerely yours,

Tradução:

Minha querida Madge

Há muito que tencionava escrever-te, mas, como nunca sei realmente o que é o tempo, esse dado desconhecido foi-se arrastando até agora. É o que geralmente sucede quando não fazemos nada.

Esta minha carta será simplesmente um pedido de desculpas. Chegaste aqui quando eu estava a afundar-me e por cá ficaste até eu me ter afundado. Desde então, já voltei à superfície, mas teria dificuldade em dizer de que superfície se trata. Lamento muito tudo o que se passou, isto é, a minha descortesia em ter desaparecido, mas não perdeste nada com o meu desaparecimento, que foi a melhor acção que alguns resquícios de decência poderiam ditar a um homem praticamente perdido para tudo isso.

Embora eu tenha subido à aparente superfície, estou agora pronto para me afundar novamente e, desta vez, penso que definitivamente. Gostaria que me recordasses com caridade cristã e não com simples desprezo

[24] <I am sorry I was what I was when you came. The apology lies in this> I am very sorry for all that happened, [↓ meaning my discourtesy in disappearing,] <though> but you

[25] <the last act of> the best action

[26] a man [← practically] lost

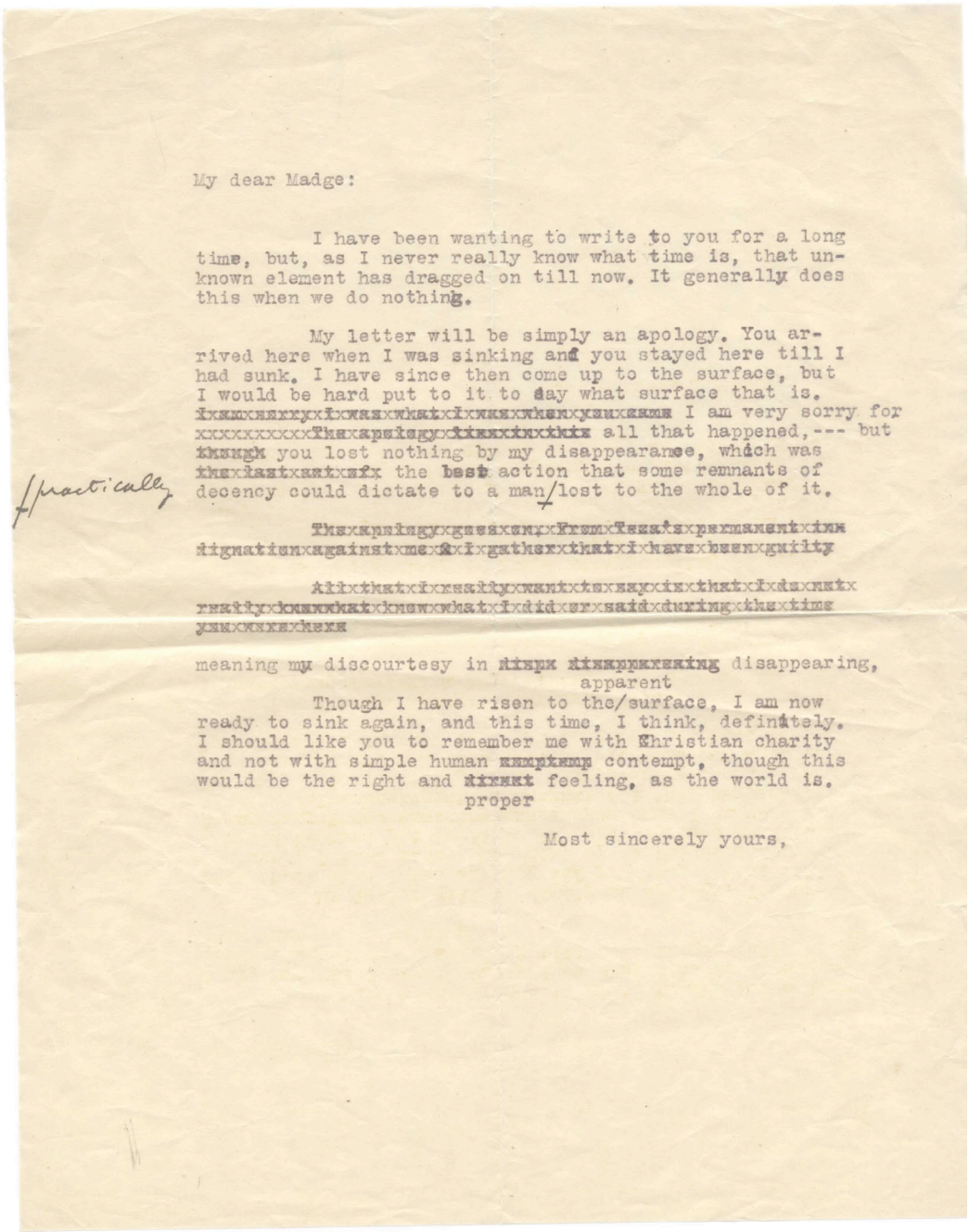
[27] Seguem-se dois novos parágrafos, que foram depois riscados: "The apology goes on. From Teca's permanent indignation against me I gather that I have been guilty. | All that I really want to say is that I do not really know what I did or said during the time you were here."

[28] the [↑ apparent] surface

[29] <direct> [↓ proper] feeling

humano, ainda que fosse esse o sentimento certo e apropriado, no mundo tal como ele é.

Muito sinceramente teu,



My dear Madge:

I have been wanting to write to you for a long time, but, as I never really know what time is, that unknown element has dragged on till now. It generally does this when we do nothing.

My letter will be simply an apology. You arrived here when I was sinking and you stayed here till I had sunk. I have since then come up to the surface, but I would be hard put to it to say what surface that is. I am very sorry for all that happened,--- but you lost nothing by my disappearance, which was practically the best action that some remnants of decency could dictate to a man lost to the whole of it.

meaning my discourtesy in disappearing,
apparent

Though I have risen to the surface, I am now ready to sink again, and this time, I think, definitely. I should like you to remember me with Christian charity and not with simple human contempt, though this would be the right and feeling, as the world is.
proper

Most sincerely yours,

Fig 2. Rascunho de carta sem data de Pessoa para Madge.
Espólio familiar de Fernando Pessoa, sem cota.

Não foi possível encontrar a carta de Madge em resposta a esta. Sabemos, porém, que ela realmente respondeu, com uma "carta simpaticamente agressiva", como Pessoa lhe chama em nova missiva sua, datada de 9 de Outubro de 1935. Esta última, de que adiante se reproduz o rascunho (Fig. 3), não foi até hoje identificada como uma carta de Pessoa para Madge, dado que lhe falta a menção inicial do destinatário. Todavia, uma leitura atenta permite identificar claramente Madge como a destinatária. Trata-se de um documento muito interessante a vários títulos, pois Pessoa fala de um poema que envia juntamente para Madge e refere-se também a Salazar, manifestando descontentamento com o seu regime.

9/10/1935.

Thanks very much for your kind aggressive letter, of the... – no, it is of no the for it is femininely undated[30]. "Dramatic old silly" is about the best definition that could be given of me[31]; it is even quite sisterly, except that Teca would have left out the "dramatic" and the "old". □, for instance, □

Perhaps my letter was to a certain extent stupid. In practical things – and letters, I suppose, are practical things[32] – I generally am stupid. But I am really sorry if it annoyed you.

Apart from all that, I am really not sinking now. Indeed, I am feeling far better in all ways. If Eileen and John[33] had come – we know now that they are not coming –, they would not have been present at any variation, major or minor, of the "sinking trick", as you call it.

We are very sorry that Eileen and John could not come this year, but we look forward to the next and to a full month's stay on their part.

As you know, the Baby has been ill; indeed, at one time he seemed very ill, but fortunately the matter was less serious than it looked and he is rapidly recovering. He is now quite bright, though still a little pale, and eats like a human being and not as I did in the sinking etc. time.

By the bye, I am sending you a beautiful little poem I wrote at Estoril by the end of April, that is to say[34] about a month before[35] the sinking variously[36] aforesaid. It isn't worth much – as a matter of fact, it isn't worth anything at all –, but it is rather curious, I think, as a psychological document. I won't say a "human document", because this expression seems to apply to escaped convicts, dope fiends and the like, and the Premier (bad

[30] femininely <or unworldlily> undated

[31] the best definition <of myself> that could be <found> [↑ given of me]

[32] <belong to that> [↑ are practical things]

[33] If <John> Eileen and John

[34] at Estoril [← by the end of April, that is to say]

[35] <about> [↑ before]

[36] <several times> [↑ variously]

cess to him!) has not yet even made[37] a convict of me, since[38] what he says does not carry[39] conviction, though it is very likely he will force me to become a dope fiend or a the like.

The poem happens to be sincere enough, though it contains a good deal of dramatic new silliness[40]. It is a terrible[41] mix-up of feelings of all sorts, but then so was I when I wrote it. I should add that, first[42], there was a centipede, since its corpse was visible next morning, so the basis of my sincere poem is a lie; second[43], I don't like candy.

Love from us all.

Yours ever,

Tradução:

9/10/1935.

Muito obrigado pela tua carta simpaticamente agressiva do dia... – não, não é de dia nenhum, pois veio femininamente não datada. "Velho tonto dramático" é praticamente a melhor definição que se poderia dar de mim; parece mesmo coisa de irmã, excepto que a Teca teria omitido o "dramático" e o "velho". □, por exemplo, □

Talvez a minha carta tenha sido até certo ponto estúpida. Em coisas práticas – e cartas, suponho, são coisas práticas – eu sou geralmente estúpido. Mas lamento realmente se isso te aborreceu.

Aparte isso, não estou verdadeiramente a afundar-me agora. Sinto-me, de facto, muito melhor em todos os aspectos. Se a Eileen e o John tivessem vindo – sabemos agora que já não vêm –, já não teriam presenciado nenhuma variação, maior ou menor, do meu "truque de afundamento", como lhe chamas.

Temos muita pena que a Eileen e o John não tenham podido vir este ano, mas ficamos ansiosos que no próximo ano fiquem por cá um mês inteiro.

Como sabes, o Bebé tem estado doente; a dada altura, pareceu até muito doente, mas, felizmente, o caso era menos sério do que parecia e ele está a recuperar rapidamente. Está agora bastante vivo, embora ainda um pouco pálido, e come como um ser humano, não como eu comia na fase de afundamento etc.

---

[37] has not yet [← even] made

[38] <nor even con> since

[39] <he does not carr> what he says does not carry

[40] dramatic <old> [↑ new] silliness

[41] <an awful> [← a terrible]

[42] <(1)> [↑ first]

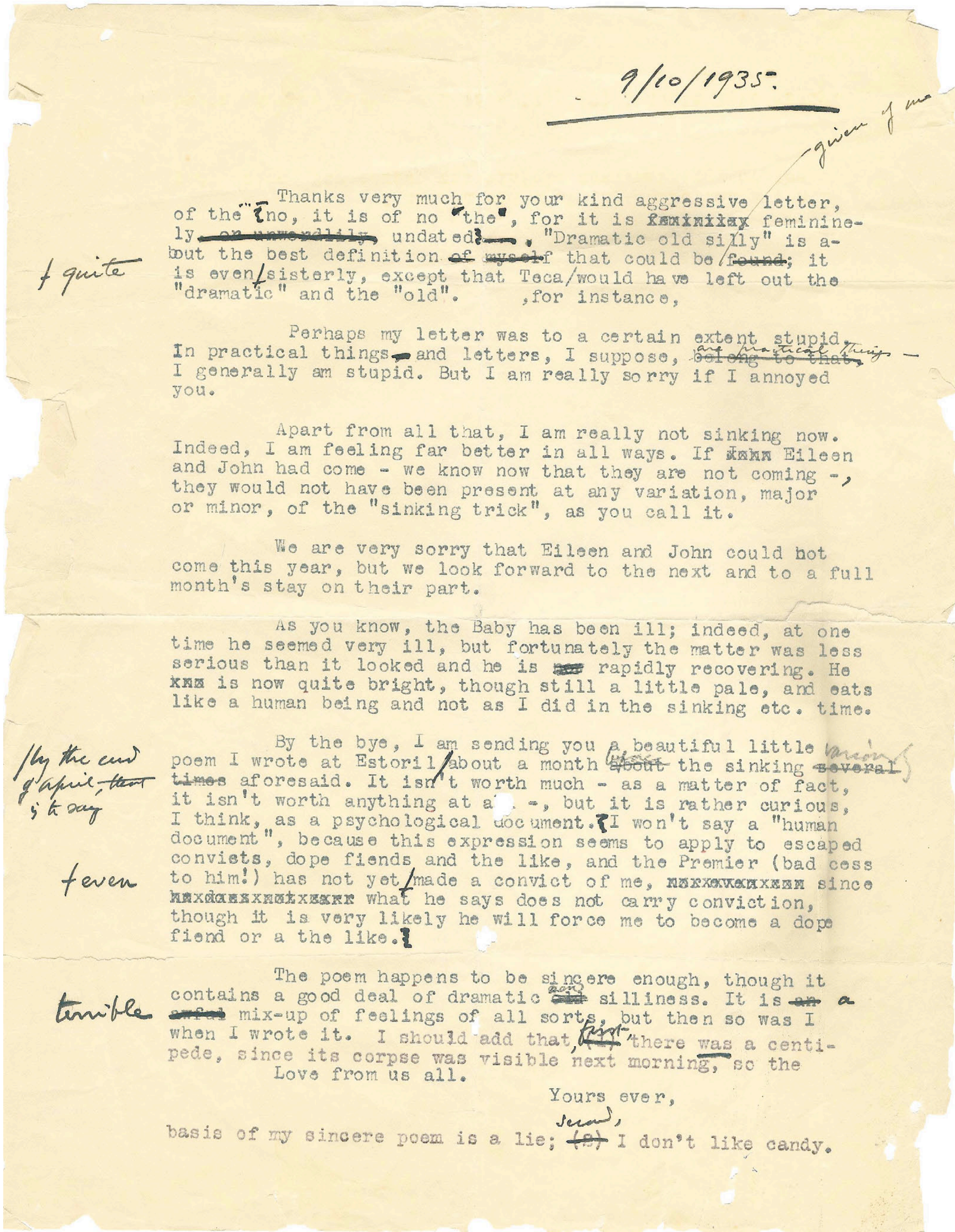
[43] <(2)> [↑ second]

> A propósito, envio-te junto um belo poemeto que escrevi no Estoril em fins de Abril, ou seja, cerca de um mês antes do afundamento várias vezes atrás referido. Não vale muito – na verdade, não vale absolutamente nada –, mas acho que é bastante curioso como documento psicológico. Não diria como "documento humano", pois é uma expressão que parece sobretudo aplicar-se a condenados evadidos da prisão, viciados em droga e outros que tais, e o primeiro-ministro (má sorte para ele!) ainda nem sequer fez de mim um condenado, visto que o que ele diz não é convincente[44], embora seja bastante provável que me obrigue a tornar-me um drogado ou algo semelhante.
>
> Sucede que o poema é bastante sincero, ainda que contenha uma boa porção de nova tontice dramática. É uma terrível mistura de sentimentos de todo o tipo, mas também era assim que eu estava quando o escrevi. Devo acrescentar, em primeiro lugar, que havia realmente uma centopeia, dado que o seu cadáver estava visível na manhã seguinte, pelo que a base sincera do meu poema é, afinal, uma mentira; e em segundo lugar, que não gosto de rebuçados.
>
> Com amor de todos nós, o sempre teu,

Como complemento desta carta, reproduz-se adiante (Figs. 4 e 5) o poema "D. T." (iniciais de *delirium tremens*, como se disse), que Pessoa enviou juntamente e ao qual se refere nos dois últimos parágrafos da missiva, embora sem o identificar pelo título. Essa identificação foi possível a partir da carta que o acompanhou, até agora desconhecida.[45] Pessoa fez três cópias a químico do poema dactilografado, uma das quais assinada pelo seu punho, que se acham no espólio do poeta na BNP. Sabe-se por um rascunho inacabado de carta para o seu irmão Luís Miguel, datado de 15 de Outubro de 1935 (espólio familiar, sem cota), que Pessoa pensou enviar-lhe também uma cópia do poema "D. T.", que achava, aliás, "impróprio para publicação". O poema já tinha sido recitado por Pessoa ao irmão Luís Miguel e à cunhada Eve quando, no verão desse ano, eles estiveram em Portugal (cf. PIZARRO e PITTELLA, 2017: 102).

[44] Trocadilho intraduzível com as palavras *convict* (condenado) e *conviction* (duplo sentido de convicção e condenação). A expressão *to carry conviction* significa ser convincente.

[45] Agradeço a ajuda de Carlos Pittella na identificação do poema que foi enviado a Madge. A propósito deste poema, ver «Como escrever em estado alcoólico», em *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a sua Vida* (PIZARRO e PITTELLA, 2017). O poema teve a sua primeira publicação em Fernando Pessoa, *Obra Poética* (1960).



9/10/1935.

– given of me

Thanks very much for your kind aggressive letter, of the (no, it is of no "the", for it is feminine-ly ~~or unwordlily,~~ undated). "Dramatic old silly" is about the best definition ~~of myself~~ that could be ~~found~~; it is even/sisterly, except that Teca/would have left out the "dramatic" and the "old". ,for instance,

f quite

Perhaps my letter was to a certain extent stupid. In practical things and letters, I suppose, ~~belong to that~~ — I generally am stupid. But I am really sorry if I annoyed you.

Apart from all that, I am really not sinking now. Indeed, I am feeling far better in all ways. If Eileen and John had come - we know now that they are not coming -, they would not have been present at any variation, major or minor, of the "sinking trick", as you call it.

We are very sorry that Eileen and John could not come this year, but we look forward to the next and to a full month's stay on their part.

As you know, the Baby has been ill; indeed, at one time he seemed very ill, but fortunately the matter was less serious than it looked and he is rapidly recovering. He is now quite bright, though still a little pale, and eats like a human being and not as I did in the sinking etc. time.

By the bye, I am sending you a beautiful little poem I wrote at Estoril/about a month ~~about~~ the sinking ~~several times~~ aforesaid. It isn't worth much - as a matter of fact, it isn't worth anything at a[ll] -, but it is rather curious, I think, as a psychological document. (I won't say a "human document", because this expression seems to apply to escaped convicts, dope fiends and the like, and the Premier (bad cess to him!) has not yet/made a convict of me, since what he says does not carry conviction, though it is very likely he will force me to become a dope fiend or a the like.)

/by the end of april, that is to say

f even

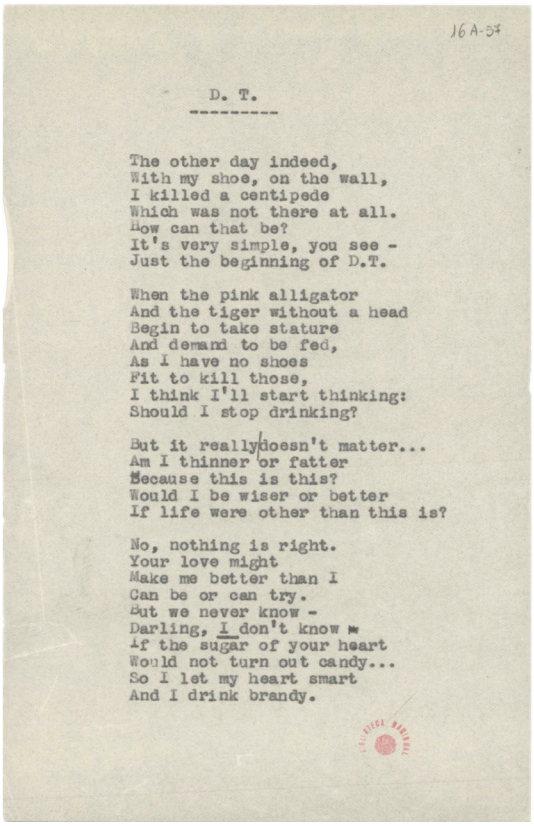
The poem happens to be sincere enough, though it contains a good deal of dramatic ~~old~~ silliness. It is ~~an awful~~ a mix-up of feelings of all sorts, but then so was I when I wrote it. I should add that, (first), there was a centipede, since its corpse was visible next morning, so the basis of my sincere poem is a lie; ~~(2)~~ second, I don't like candy.

terrible

Love from us all.

Yours ever,

Fig. 3. Espólio familiar de Fernando Pessoa, sem cota.



16A-57

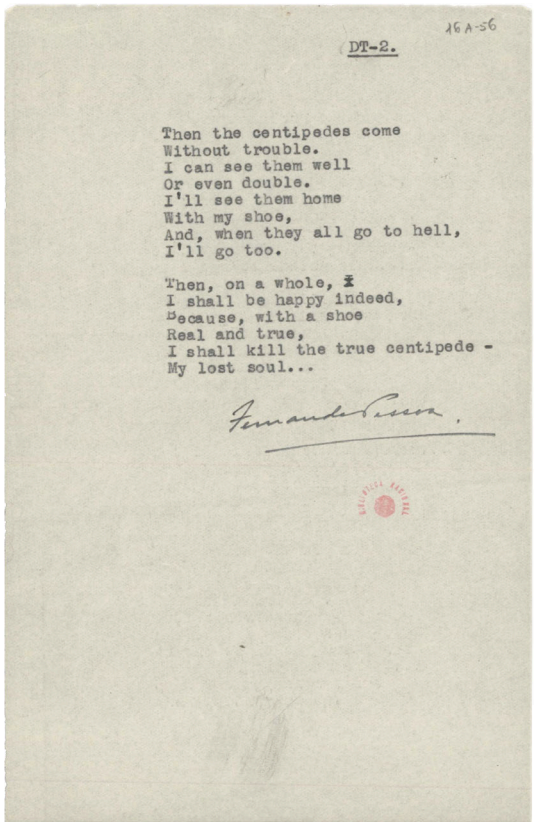
D. T.

The other day indeed,
With my shoe, on the wall,
I killed a centipede
Which was not there at all.
How can that be?
It's very simple, you see -
Just the beginning of D.T.

When the pink alligator
And the tiger without a head
Begin to take stature
And demand to be fed,
As I have no shoes
Fit to kill those,
I think I'll start thinking:
Should I stop drinking?

But it really doesn't matter...
Am I thinner or fatter
Because this is this?
Would I be wiser or better
If life were other than this is?

No, nothing is right.
Your love might
Make me better than I
Can be or can try.
But we never know -
Darling, I don't know
If the sugar of your heart
Would not turn out candy...
So I let my heart smart
And I drink brandy.



16A-56

DT-2.

Then the centipedes come
Without trouble.
I can see them well
Or even double.
I'll see them home
With my shoe,
And, when they all go to hell,
I'll go too.

Then, on a whole,
I shall be happy indeed,
Because, with a shoe
Real and true,
I shall kill the true centipede -
My lost soul...

Fernando Pessoa.

Figs. 4 e 5. Poema "D. T." (não datado). BNP/E3, 16A-57r e 56r.

D. T.

The other day indeed,
With my shoe, on the wall,
I killed a centipede
Which was not there at all.
How can that be?
It's very simple, you see –
Just the beginning of D.T.

When the pink alligator
And the tiger without a head
Begin to take stature
And demand to be fed,
As I have no shoes
Fit to kill those,
I think I'll start thinking:
Should I stop drinking?

But it really doesn't matter...

D. T.

No outro dia, de facto,
Com o meu sapato, na parede,
Matei uma centopeia
Que não estava lá.
Como é isto possível?
Pois é muito simples –
É só o princípio de D.T.

Quando o jacaré cor-de-rosa
E o tigre sem cabeça
Começarem a ganhar estatura
E exigerem ser alimentados,
Como não tenho sapatos
Adequados para os matar,
Acho que começarei a pensar:
Devo parar de beber?

Mas nada disso importa, realmente...

Am I thinner or fatter	Sou mais magro ou mais gordo
Because this is this?	Por isto ser como é?
Would I be wiser or better	Seria eu mais sábio ou melhor
If life were other than this is?	Se a vida fosse diferente?
No, nothing is right.	Não, nada é certo.
Your love might	O teu amor poderia
Make me better than I	Tornar-me melhor do que eu
Can be or can try.	Posso ser ou tentar.
But we never know –	Mas nunca poderemos saber –
Darling, *I* never know	Querida, *eu* não posso saber
If the sugar of your heart	Se o açúcar do teu coração
Would not turn out candy...	Não se tornaria rebuçado...
So I let my heart smart	Deixo, pois, o coração doer
And I drink brandy.	E bebo aguardente.
Then the centipedes come	Então as centopeias vêm
Without trouble.	Sem embaraço.
I can see them well	Posso vê-las bem
Or even double.	Ou até a dobrar.
I'll see them home	Levá-las-ei a casa
With my shoe,	Com o meu sapato,
And, when they all go to hell,	E, quando forem para o inferno,
I'll go too.	Irei eu também.
Then, on a whole,	Então, em suma,
I shall be happy indeed,	Serei realmente feliz,
Because, with a shoe	Porque, com um sapato
Real and true,	Real e verdadeiro,
I shall kill the true centipede –	Matarei a verdadeira centopeia –
My lost soul...	A minha alma perdida...[46]

Na carta, acima transcrita, que este poema acompanhava, Pessoa afirma tê-lo escrito no Estoril (isto é, na casa da Teca) em fins de Abril de 1935, precisando que isso sucedeu um mês antes do episódio do seu "afundamento" e da chegada de Madge a Portugal. Tal cronologia parece pretender afastar da mente de Madge qualquer relação do poema com ela ou com o dito episódio. Não é fácil acreditar que assim fosse, nem a cronologia de Pessoa parece estar correcta. Não se conhece a data precisa de chegada de Madge, mas sabe-se que ela embarcou a 12 de Abril

[46] Tradução, tanto quanto possível literal, do autor deste artigo, com a colaboração de Ricardo Vasconcelos.

em Southampton com destino a Lisboa[47], pelo que em fins desse mês (e não em fins de Maio) ela já estaria seguramente em Portugal e até poderia ter-se já encontrado no Estoril com Pessoa, antes do "afundamenteo" e "desaparecimento" deste. Com efeito, numa carta posterior (ver adiante), Madge dirá que passaram sete meses "since I saw you", o que situaria um encontro com ele em Abril – se esse *you* engloba Pessoa, como parece englobar.

Contra o costume de Pessoa, o poema "D. T." não está datado nem no original manuscrito nem na versão dactilografada. Na descrição que, na carta, Pessoa faz do poema, afirma que ele é "bastante sincero" (para, mais adiante, sugerir ironicamente o contrário) e que contém uma "terrível mistura de sentimentos de todo o tipo". No rascunho da carta ao irmão Luís, atrás referida, Pessoa diz tratar-se de um "poema alcoólico ou pós-alcoólico" que expõe uma "mistura de ideias e sentimentos bastante desconexos entre si". Na verdade, o poema descreve sucintamente a encruzilhada psicológica do autor, posto perante a escolha entre o alcoolismo e o amor, optando afinal pelo *brandy*, embora saiba que lhe matará a alma. Não se pode aqui deixar de pensar na correspondência de Ofélia para Pessoa, em que o vinho, a aguardente e o "Abel"[48] interferem regularmente no namoro. Escrito com ironia e autoderisão, o poema "D.T." desce sem complacências ao âmago do dilema existencial do poeta, para enfim concluir que o melhor é continuar a beber até à perdição. Com este final, fingida ou sinceramente desesperado, o poeta parece novamente colocar-se na atitude de apelar à "caridade cristã" de Madge, como na primeira carta para ela.

Na carta que acompanha o poema, Pessoa refere-se ao Bebé ("Baby"), tratamento familiar dado ao sobrinho do poeta, Luís Miguel Rosa Dias, nascido a 1 de Janeiro de 1931 (tinha, portanto, quatro anos), filho da Teca e de Francisco Caetano Dias.

Pessoa refere-se também nessa carta a um primeiro-ministro, "the Premier", queixando-se dele e desejando-lhe má sorte ("bad cess to him!"). Trata-se obviamente de Salazar, nesse cargo desde 1932. Por detrás do azedume de Pessoa para com o "Premier", pressentem-se as razões e os factos que, nesse ano de 1935, conduziram o escritor a uma oposição frontal ao regime de Salazar. Entre esses factos, refira-se a extinção da Maçonaria, cujo projecto de lei mereceu a veemente oposição de Pessoa, com a publicação do artigo "Associações Secretas" no *Diário de Lisboa* de 4 de Fevereiro de 1935 (PESSOA, 2011). Refira-se também o discurso de Salazar a 21 do mesmo mês, na sessão de distribuição dos prémios literários do Secretariado de Propaganda Nacional – discurso que provocou a ira de Pessoa,

[47] Lista de passageiros acima citada. O navio "Dempo", da Rotterdam Lloyd, tinha como destino último a Índia e fazia as primeiras escalas em Roterdão e Lisboa.

[48] "Abel" era o modo como Pessoa se referia a uma loja de vinhos da firma Abel Pereira da Fonseca, por ele assiduamente frequentada e onde foi retratado "em flagrante delitro", como o poeta escreveu no verso da fotografia oferecida a Ofélia Queiroz.

pela defesa que o ditador ali fez da imposição de limitações (censura) e de directrizes políticas à criação artística e literária. São conhecidas as queixas de Fernando Pessoa em 1935, relativamente à censura do Estado Novo, que nomeadamente o impediu de retorquir aos críticos do seu artigo sobre a Maçonaria, e também a sua torrente de poemas satíricos e textos políticos contra Salazar e o seu regime durante o mesmo ano (PESSOA, 2011 e 2015).

Madge demorou várias semanas a responder a esta segunda carta de Pessoa – datada, como se vê no rascunho, de 9 de Outubro – e a agradecer-lhe o poema "D. T.". Fê-lo, segundo se depreende da sua carta-resposta, a 14 de Novembro, dia de eleições parlamentares em Inglaterra. Presumindo-se que Madge terá enviado a sua carta na data em que a escreveu, Pessoa tê-la-á recebido por volta de 20 ou 21 de Novembro. Como se sabe, o poeta teve uma crise a 26, foi internado no hospital a 28 e morreu a 30 de Novembro de 1935. Conclui-se, portanto, que Pessoa terá recebido a carta de Madge poucos dias antes de ser internado. Não existem indícios de que ainda lhe tenha respondido. Transcreve-se abaixo integralmente esta carta, seguida das imagens do original (Figs. 6 a 9). O original pertence ao espólio de Fernando Pessoa consultável na BNP, mas a carta, aparentemente conhecida de alguns investigadores, manteve-se até hoje inédita, talvez pelas dificuldades que a sua leitura oferece.

1 Catherine House
Catherine Street
VIC 5317 S.W.1.

Fernando My Dear

My little poem was a great pleasure and so was the letter that accompanied it. The time I have taken to reply is a further tribute to you since on all the occasions when I have intended writing and failed to do so I have devoted many thoughts to you.

I feel almost as depressed as you did when you wrote the first time. Everything seems to go wrong at the same time: or a probable explanation to account for it all would be some strange humour in the blood stream!

Anyway life seems hell and death about the same thing at the moment and brandy is dearer here and ruins the complexion and gives rise to poems not all as worth committing to paper as the one its author condemned.

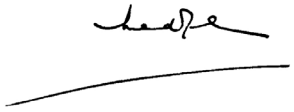
John and Eileen came back from Mallorca the other day and were delighted as I was to hear of the Baby's recovery.

By the way – it's the 14th November and election day so don't complain of my lack of vote or femininity. I caused indignation by refusing to vote on the grounds that parliament should be abolished.

I'd love to be setting off on a visit to you all again. Since I saw you I've done 7 months work and by Jove! it's too much at a stretch.

Write me another little poem sometime soon and teach me how to recover my spirits as I tried to do for you!

Give my love to all the family not forgetting yourself.



Tradução:

1 Catherine House
Catherine Street
S.W. 1. VIC 5317

Meu querido Fernando

O meu poemeto deu-me um grande prazer, tal como a carta que o acompanhou. O tempo que demorei a responder é mais uma homenagem a ti, pois que em todas as ocasiões em que tencionei escrever-te e não consegui, dediquei-te sempre muitos pensamentos.

Sinto-me quase tão deprimida como tu estavas da primeira vez que me escreveste. Tudo parece correr mal ao mesmo tempo; ou uma provável explicação para tudo isto seria a presença de um estranho humor na circulação sanguínea!

De qualquer modo, a vida parece um inferno e a morte mais ou menos o mesmo neste momento, e o brandy é aqui mais caro e dá cabo da aparência física e dá origem a poemas que não valem tanto a pena ser passados a papel como aquele que o seu autor condenou.

John e Eileen regressaram no outro dia de Mallorca e ficaram encantados por saberem da recuperação do Bebé.

A propósito, hoje é 14 de Novembro e dia de eleições, por isso não te queixes da minha falta de voto e da minha feminilidade. Causei indignação por ter recusado votar com o argumento de que o parlamento devia ser abolido.

Adoraria estar novamente de partida em visita a vocês todos. Desde que vos vi, já trabalhei sete meses e, por Jove!, é demasiado duma só vez.

Escreve-me outro poemeto em breve e ensina-me a levantar o ânimo, tal como eu tentei fazer contigo!

Com o meu amor para toda a família, não te esquecendo a ti

Madge

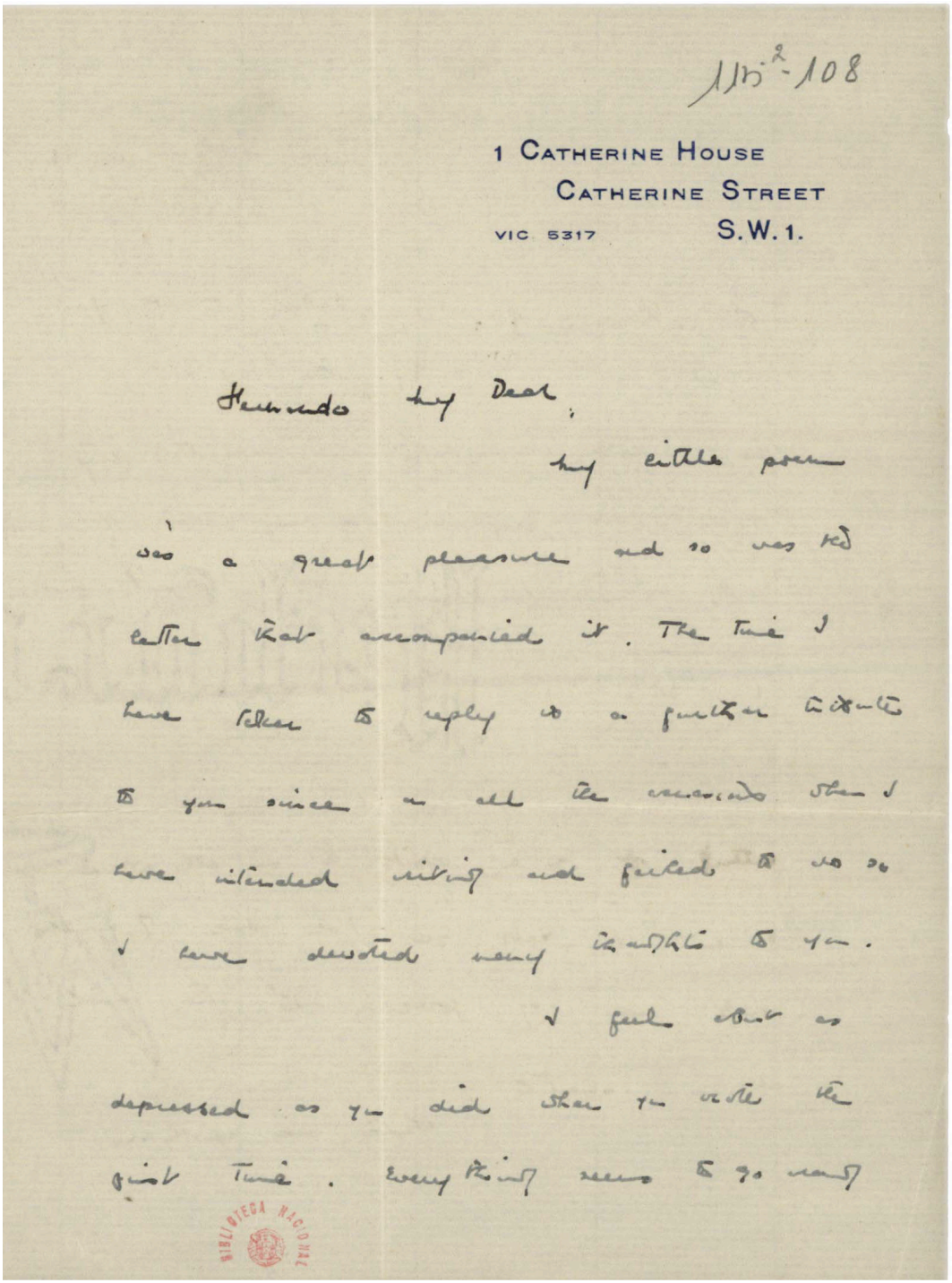


Fig. 6. Carta de Madge a Fernando Pessoa, datável de 14 de Novembro de 1935 (BNP/E3, 115²-108).

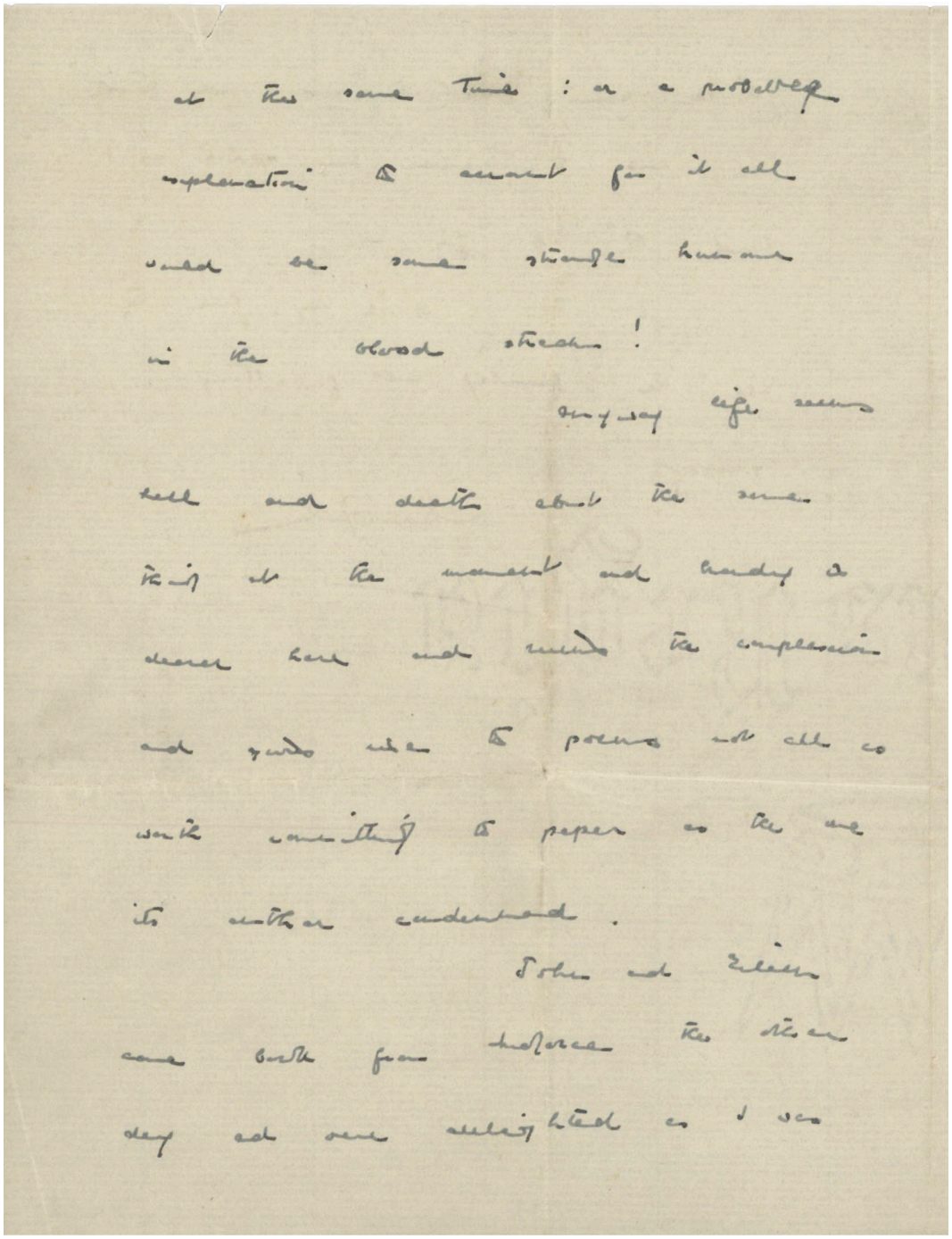


Fig. 7. Carta de Madge a Fernando Pessoa; segunda página

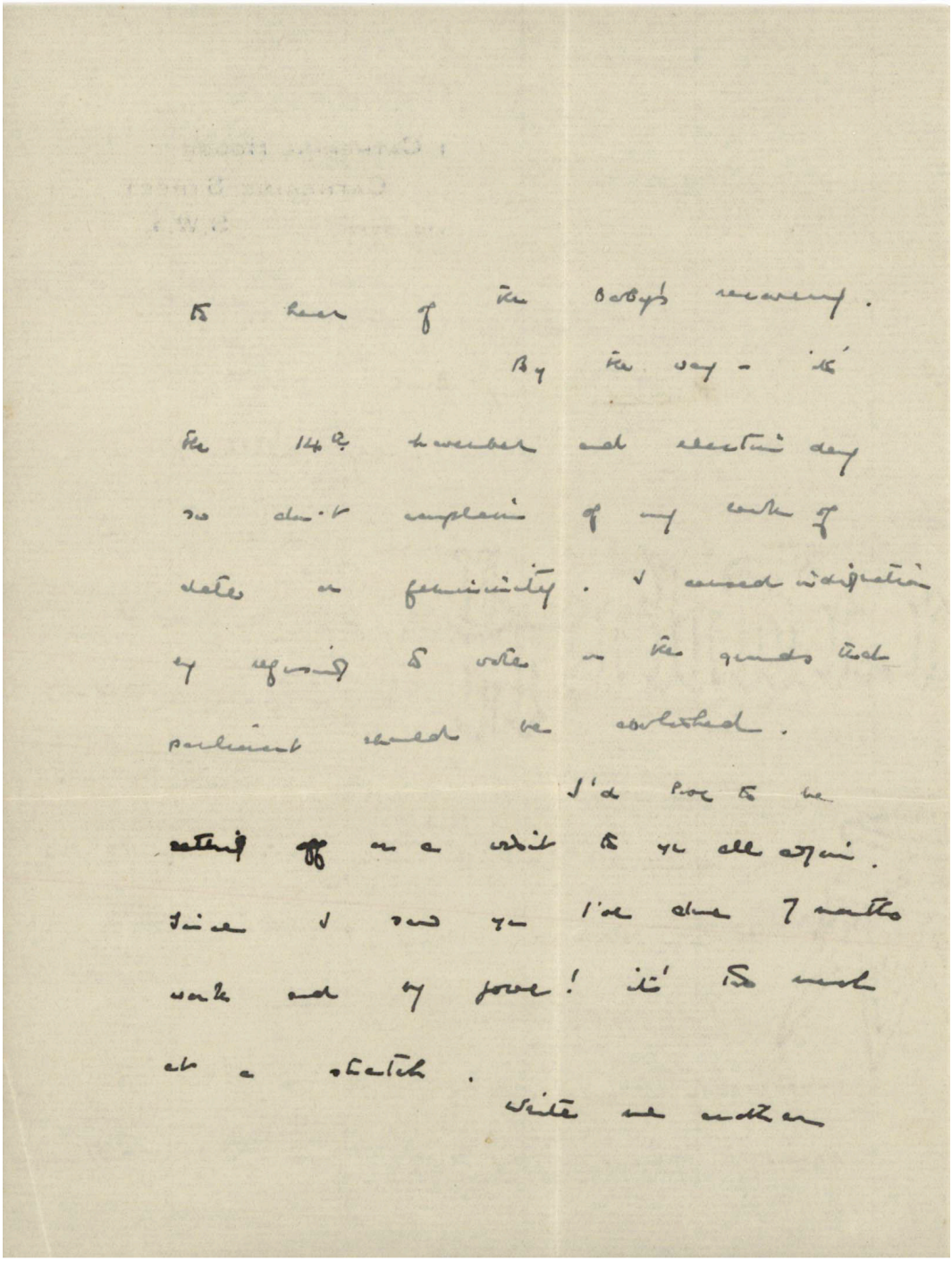


Fig. 8. Carta de Madge a Fernando Pessoa; terceira página

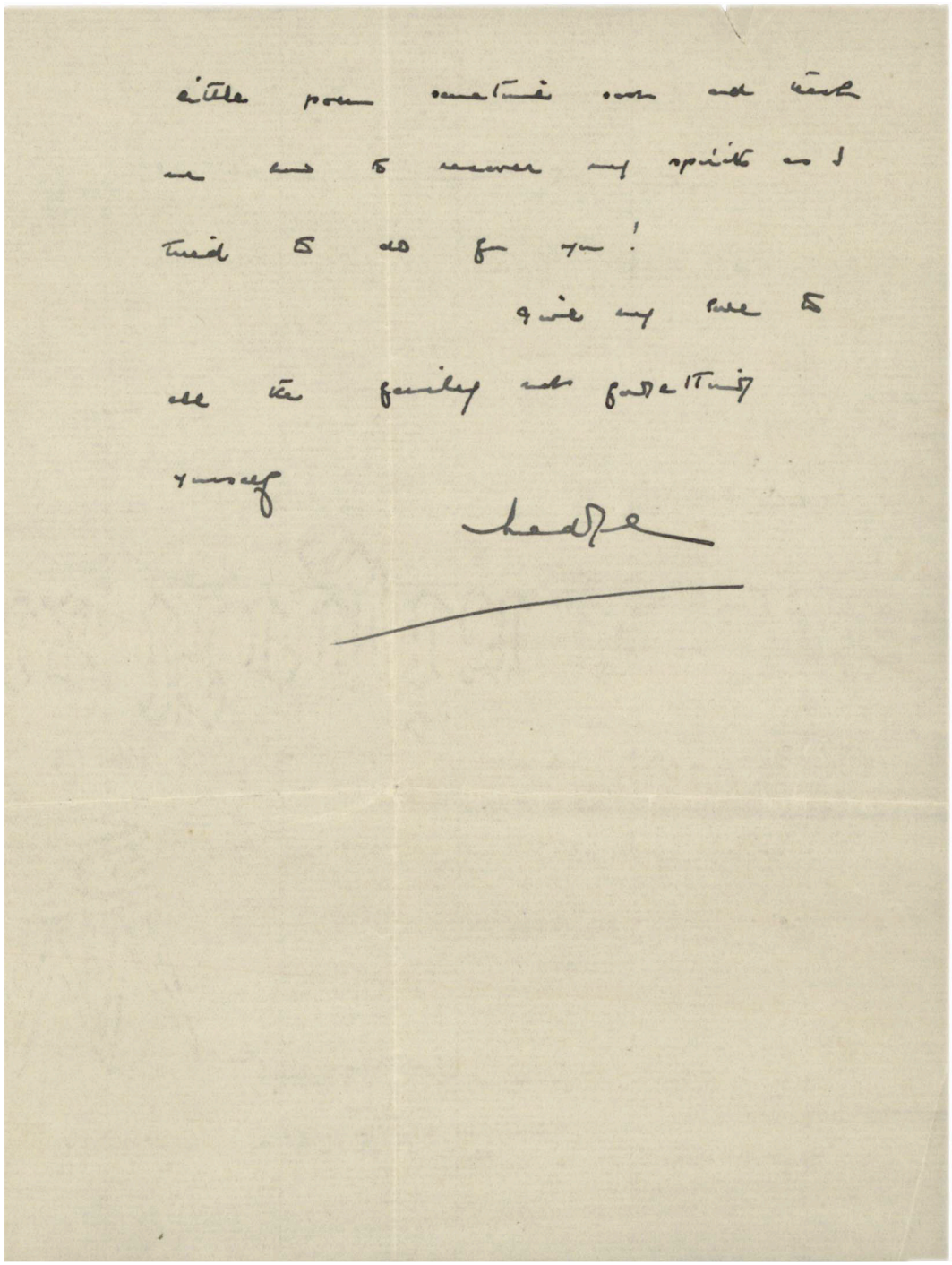
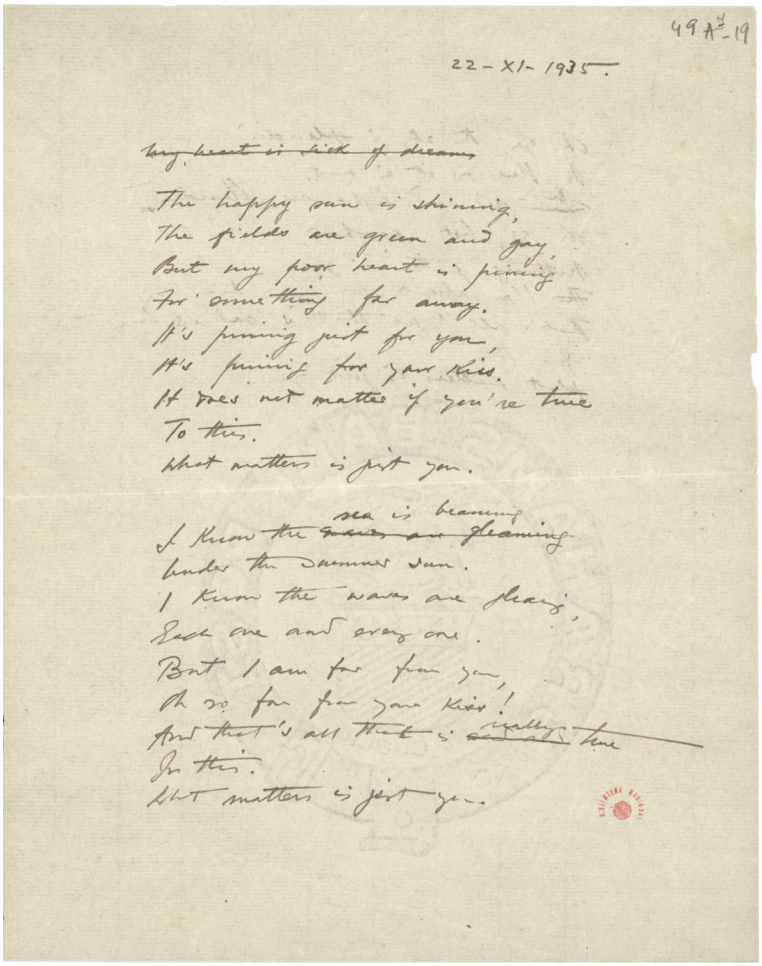


Fig. 9. Carta de Madge a Fernando Pessoa; quarta página

Coincidindo aproximadamente com a chegada desta carta, em que Madge expressa o seu desejo de voltar a Lisboa após sete meses de ausência, Pessoa redigiu o poema apaixonado que foi transcrito no início deste artigo, datado de 22 de Novembro de 1935, com o *incipit* "The happy sun is shining..." e o refrão "What matters is just you". O tema desses versos é muito simples e enfaticamente repetido pelo poeta nas três estrofes: o sol brilha, a natureza irradia alegria, mas a sua amada está longe, e só ela importa.

Mera coincidência na galeria poética de um "fingidor" ou expressão da paixão de Pessoa por Madge, reacendida no momento da chegada da sua carta? Sem se poder ter qualquer certeza, a segunda hipótese possui mais verosimilhança. Reproduz-se abaixo integralmente o original manuscrito – aparentemente, o último poema que Fernando Pessoa datou, se não mesmo o último poema que escreveu na sua vida, em qualquer língua. Regista uma falsa partida: o verso inicial era, originalmente, "My heart is sick of dreams", que aparece riscado.


49A^{7}-19

22-XI-1935.

~~My heart is sick of dreams~~

The happy sun is shining,
The fields are green and gay,
But my poor heart is pining
For something far away.
It's pining just for you,
It's pining for your kiss.
It does not matter if you're true
To this.
What matters is just you.

I know the ~~waves are gleaming~~ sea is beaming
Under the summer sun.
I know the waves are gleaming,
Each one and every one.
But I am far from you,
Oh so far from your kiss!
And that's all that ~~is really true~~
In this.
What matters is just you.

Fig. 10. "The happy sun is shining..." (BNP/E3, 49A^{7}-19^{r}).

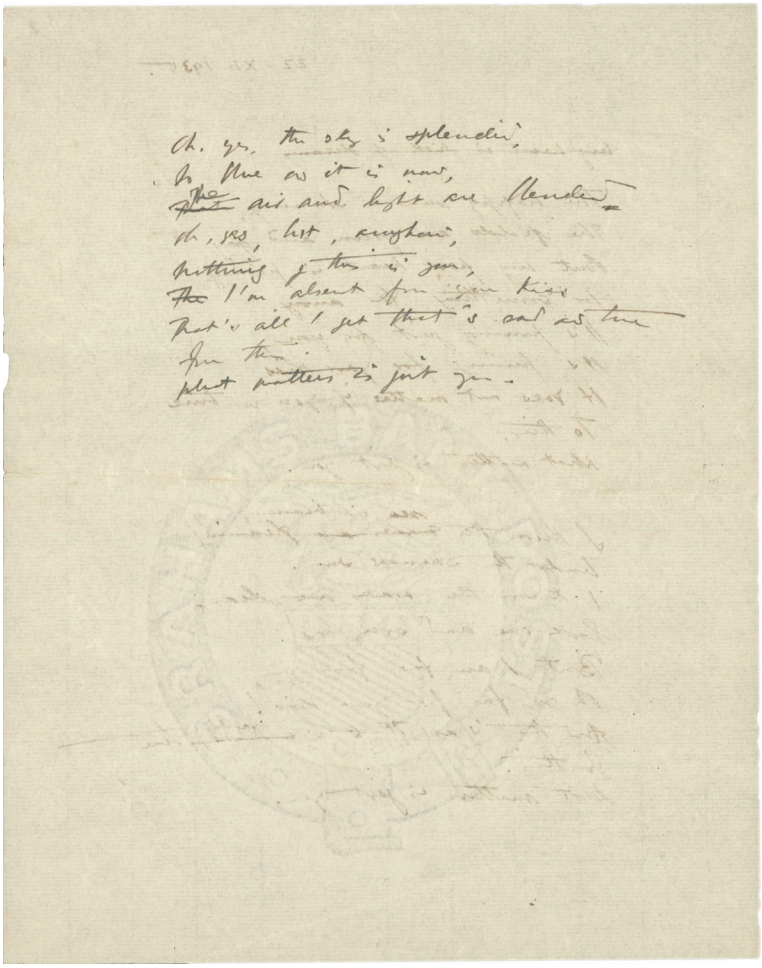


Fig. 11. "The happy sun is shining..." (BNP/E3, 49A[7]-19[v]).

Há ainda, no espólio de Pessoa, um enigmático postal ilustrado inglês, não datado, sem nome nem endereço do destinatário, sem selo dos correios nem carimbo (Figs. 12 e 13). É aparentemente assinado por Madge Anderson, mas nem essa assinatura nem o texto da correspondência são do seu punho, como pode constatar-se pelo cotejo com a carta autógrafa de Madge acima reproduzida (ver adiante as Figs. 14 e 15). O postal foi aparentemente enviado de Inglaterra dentro de um envelope e o destinatário terá sido, muito provavelmente, Pessoa, uma vez que se encontra no seu espólio. A caligrafia poderá eventualmente ser de Eileen[49] ou de outra possível irmã de Madge, já que uma Cecilia Mary Anderson viveu nos anos 1930 com Madge no mesmo endereço londrino de Catherine Street.[50]. O texto do postal ilustrado diz: "I hope you are better and better and up and up. We tried

[49] O exame da caligrafia de Eileen, embora numa data bastante posterior, parece sustentar essa hipótese. Ver: "Carta de Março de 1968 de Eileen & John Rosa para Hubert & Irene Jennings". *Hubert Jennings papers*, Ms.2016.002, Brown University Library. Acessível em: https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:707505/

[50] 1939 Electoral Register for Westminster, London, in Ancestry.co.uk, record 40020_189923-00369.

pigeon post but they turned out to be doves and only coo and bill" [Espero que estejas cada vez melhor, sempre para cima. Tentámos pombos-correios, mas afinal eram rolinhas e só arrulhavam]. É possível que tenha sido este postal a desencadear a troca de cartas entre Pessoa e Madge a partir do verão de 1935.

Fig. 12. Postal ilustrado com relevo da catedral de Lincoln (BNP/E3, 115²-97ᵛ).

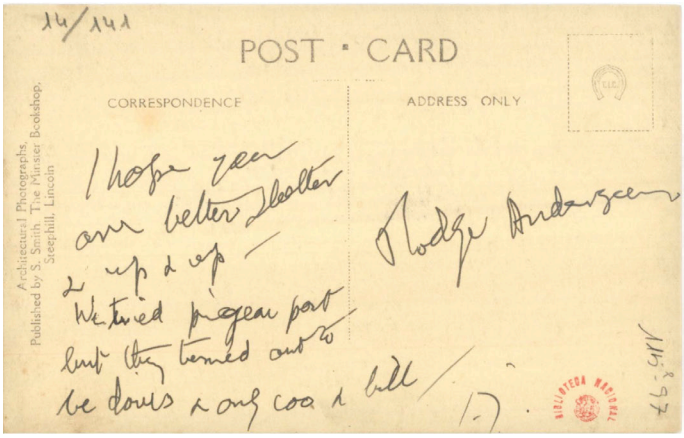
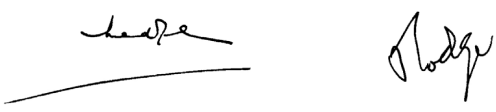


Fig. 13. Texto no postal ilustrado (BNP/E3, 115²-97ʳ).



Figs. 14 e 15. Assinatura de Madge na carta de 14 de Novembro de 1935 e suposta assinatura da mesma no postal ilustrado inglês.

Brandy contra candy

A julgar por alguns dos seus poemas de 1935, especialmente "The happy sun is shining...", pode concluir-se, como Ángel Crespo concluiu em 1989, que, na véspera da sua morte, Fernando Pessoa dava evidentes sinais de estar apaixonado ou de, pelo menos, ter assomos de paixão. Certamente que o seu estado psíquico obstava a uma vivência "normal" do sentimento amoroso, ao que o próprio poeta talvez aludia, quando em "D.T." falava da sua "alma perdida" ou, na primeira das suas cartas a Madge, se considerava "praticamente perdido para tudo isto". O algo hermético poema "He wrote wonderful verse..." (Anexo 3), de 18 de Julho de 1935, também parece testemunhar essa dolorosa consciência, no contexto de uma justificação do alcoolismo fundada na alegada impossibilidade de se "salvar".

O amor era por vezes encarado por Pessoa, desde a juventude, como uma ameaça à sua obra literária, mas o álcool representaria certamente um perigo bem mais real para a sua saúde física e mental, a sua vida amorosa (vejam-se, a esse propósito, as alusões ao álcool na correspondência de Ofélia para Pessoa) e, até certo ponto, para a sua própria obra, a qual, dispersa por projectos quase nunca realizados e precocemente terminada, se quedou em boa parte fragmentária e inédita.

Na "misteriosa" relação que manteve com Madge, Pessoa parece ter revivido o sentimento de beco sem saída da sua vida amorosa, já antes experimentado com Ofélia e parcialmente determinado por idênticas razões, com destaque para o círculo vicioso da solidão e do álcool. Isso poderá contribuir para explicar o "desaparecimento" de Pessoa em Maio de 1935, após a chegada de Madge a Lisboa, apesar da conhecida "simpatia recíproca" que existia entre os dois. Na verdade, há muito que a vida social do poeta se ia rarefazendo. Meses antes, em Dezembro de 1934, Pessoa faltara a um encontro marcado num café de Lisboa com a poetisa Cecília Meireles, que o admirava. Mas já num poema de Junho de 1929 Álvaro de Campos falava do "desencontro que é a vida" e se regozijava pelo seu assumido "desleixo" de ter faltado a dois encontros marcados com pessoas diferentes, em dois locais distintos, à mesma hora – "deliberadamente à mesma hora".[51]

Se, na vida real, a atitude de Pessoa era frequentemente de fuga e de refúgio na solidão, já na poesia ele não se escondia tanto, nem disfarçava tanto, pelo menos perante si próprio, os seus sentimentos – embora noutros poemas escrevesse que "There are many ointments | For love: | It's only a skin disease" [Há muitos unguentos | Para o amor: | É só uma doença de pele][52] ou declarasse estoicamente já nada querer da vida (verso final de "A rapariga inglesa...") ou afirmasse, suicidariamente, preferir o *brandy* ao *candy*, a aguardente ao rebuçado ("D.T.").

[51] "Ah a frescura na face de não cumprir um dever..." (PESSOA, 2014: 234).

[52] "Never mind..." (poema inédito de *ca.* 1935; BNP/E3, 49A^{7}-22^{r}).

Tenha-se em conta o que Fernando Pessoa, Bernardo Soares e Álvaro de Campos escreveram sobre a fatal insinceridade dos poetas, admitindo excepção apenas para Alberto Caeiro[53], e rememorem-se as prudentes palavras de Casais Monteiro a propósito da interpretação, a partir de factos biográficos, da poesia do "insincero verídico". Não se pode, assim, deixar de encarar com reserva as tentadoras conjecturas que seria fácil tecer em torno de relações tão complexas, por vezes insondáveis, como as que certamente há entre a vida afectiva e a obra lírica de Pessoa. As biografias dos poetas, como as outras, têm de assentar principalmente em factos documentados. Os dados aqui apresentados sobre a última paixão de Pessoa sugerem apenas uma mera possibilidade.

Reúnem-se nos Anexos dez poemas de tema amoroso de Fernando Pessoa. Nove deles são datáveis de 1935, servindo para ilustrar o que aqui se disse sobre o período apaixonado que o poeta viveu no fim da vida.

[53] Veja-se, pela grande proximidade cronológica, a "Nota ao acaso" de Álvaro de Campos (PESSOA, 1935).

Anexos

I. "A rapariga inglesa, tão loura, tão jovem, tão boa..." (BNP/E3, 60A-14^{r} a 16^{r}; atribuído a Álvaro de Campos).

29/6/1930

A rapariga inglesa, tão loura, tão jovem, tão boa
Que queria casar comigo…
Que pena eu não ter casado com ela…
Teria sido feliz
Mas como é que eu sei se teria sido feliz?
Como é que eu sei qualquer coisa a respeito do que teria sido
Do que teria sido, que é o que nunca foi?

Hoje arrependo-me de não ter casado com ela,
Mas antes que até a hipótese de me poder arrepender de ter casado com ela.
E assim é tudo arrependimento,
E o arrependimento é pura abstracção.
Dá um certo desconforto
Mas também dá um certo sonho…

Sim, aquela rapariga foi uma oportunidade da minha alma.
Hoje o arrependimento é que é afastado da minha alma.
Santo Deus! que complicação por não ter casado com uma inglesa que já me deve ter esquecido!...
Mas se não me esqueceu?
Se (porque há disso) me lembra ainda e é constante
(Escuso de me achar feio, porque os feios também são amados
E às vezes por mulheres!)
Se não me esqueceu, ainda me lembra.
Isto realmente, é já outra espécie de arrependimento.
E fazer sofrer alguém não tem esquecimento.

Mas, afinal, isto são conjecturas da vaidade.
Bem se há-de ela lembrar de mim, com o quarto filho nos braços,
Debruçada sobre o *Daily Mirror* a ver a Princesa Maria.

Pelo menos é melhor pensar que é assim.
É um quadro de casa suburbana inglesa,
É uma boa paisagem interior de cabelos louros,

E os remorsos são sombras…
Em todo o caso, se assim é, fica um bocado de ciúme.
O quarto filho do outro, o *Daily Mirror* na casa deles.
O que podia ter sido…
Sim, sempre o abstracto, o impossível, o irreal mas perverso –
O que podia ter sido.
Comem marmelada ao pequeno-almoço em Inglaterra…
Vingo-me em toda a burguesia inglesa de ser um parvo português.

Ah, mas ainda vejo
O teu olhar realmente tão sincero como azul
A olhar como uma outra criança para mim…
E não é com piadas de sal do verso que te apago da imagem
Que tens no meu coração;
Não te disfarço, meu único amor, e não quero nada da vida.

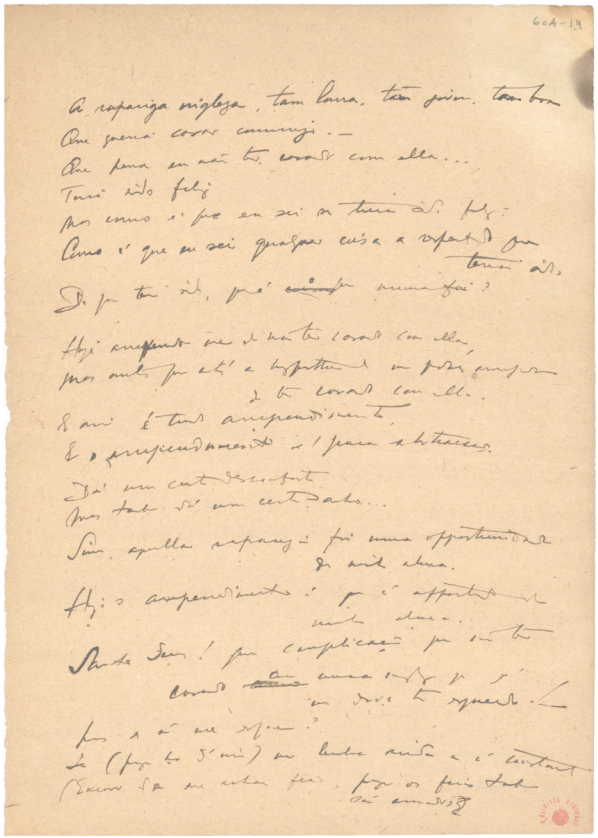


Fig. 16. "A rapariga inglesa…" (BNP/E3, 60A-14r).

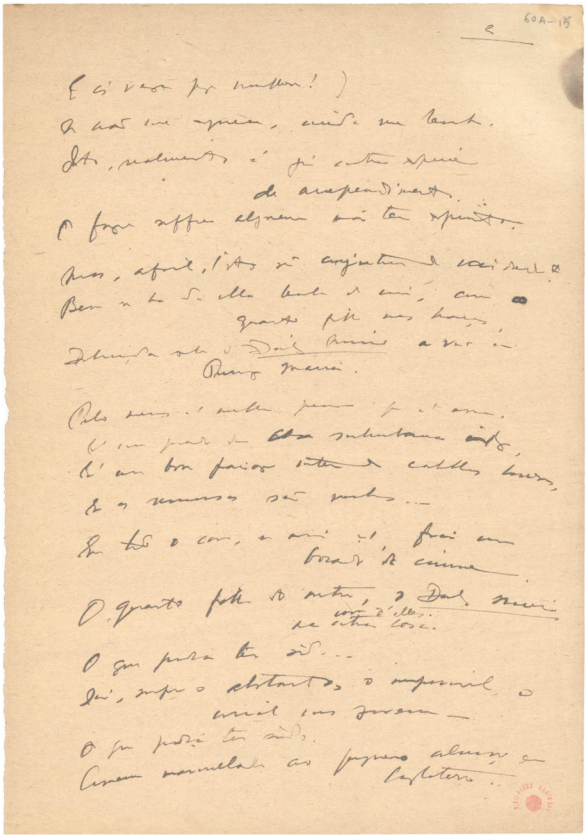


Fig. 17. "A rapariga inglesa…" (BNP/E3, 60A-15r).

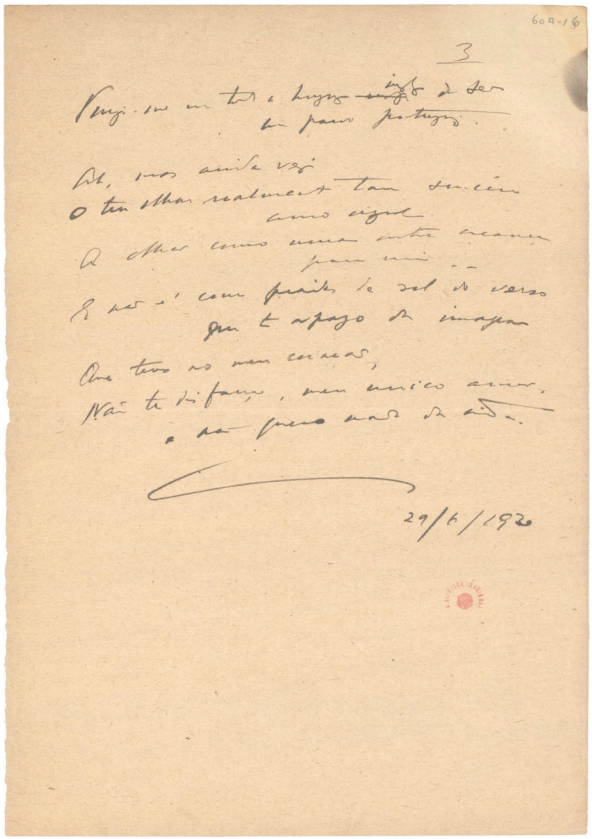


Fig. 18. "A rapariga inglesa…" (BNP/E3, 60A-16r).

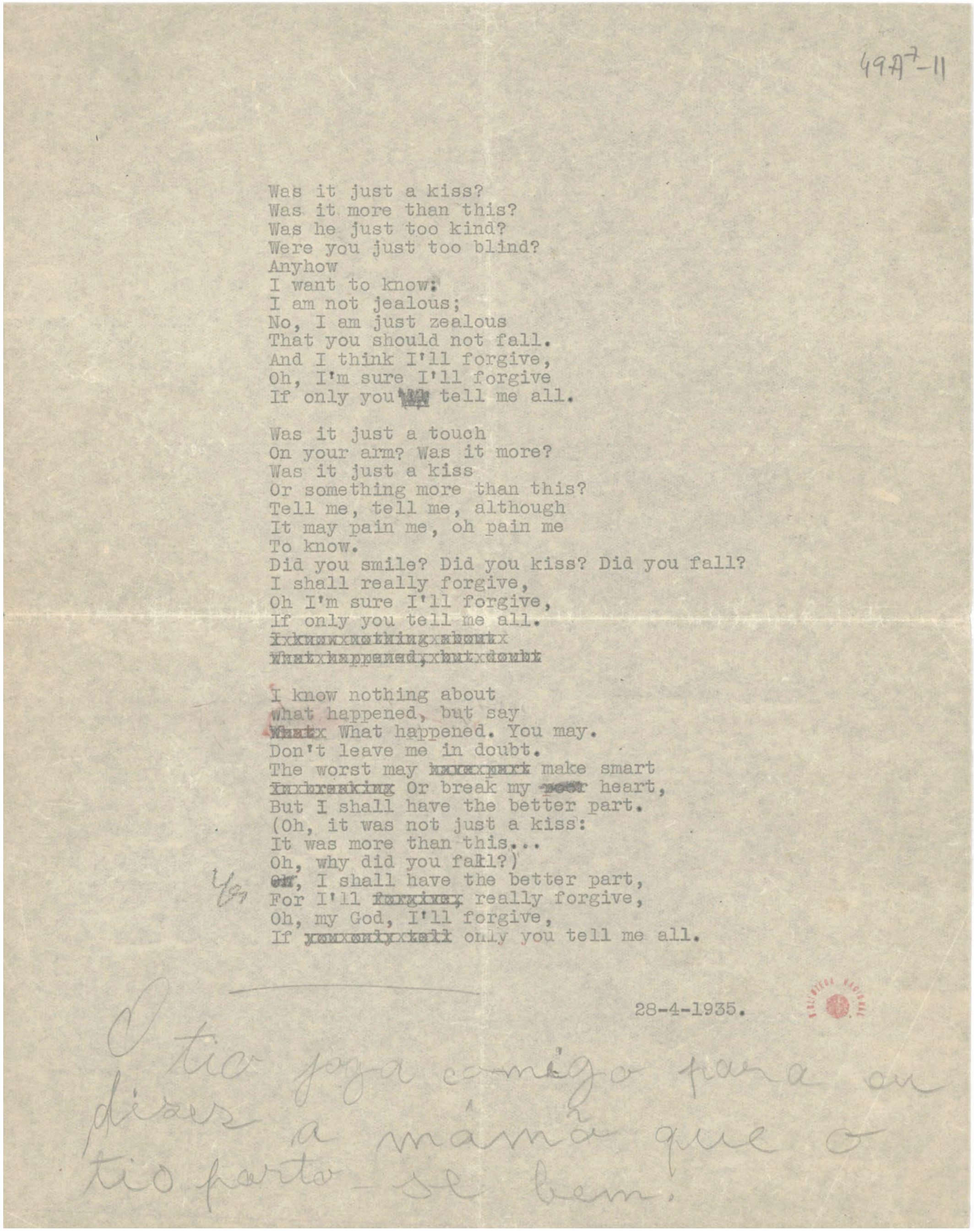
II. "Was it just a kiss?..." (BNP/E3, 49A^{7}-11^{r}).

28-4-1935.

Was it just a kiss?
Was it more than this?
Was he just too kind?
Were you just too blind?
Anyhow
I want to know.
I am not jealous;
No, I am just zealous
That you should not fall.
And I think I'll forgive,
Oh, I'm sure I'll forgive
If only you tell me all.

Was it just a touch
On your arm? Was it more?
Was it just a kiss
Or something more than this?
Tell me, tell me, although
It may pain me, oh pain me
To know.
Did you smile? Did you kiss? Did you fall?
I shall really forgive,
Oh, I'm sure I'll forgive,
If only you tell me all.

I know nothing about
What happened, but say
What happened. You may.
Don't leave me in doubt.
The worst may make smart
Or break my heart,
But I shall have the better part.
(Oh, it was not just a kiss:
It was more than this...
Oh, why did you fall?)
Yes, I shall have the better part,
For I'll really forgive,
Oh, my God, I'll forgive,
If only you tell me all.


49A7-11

Was it just a kiss?
Was it more than this?
Was he just too kind?
Were you just too blind?
Anyhow
I want to know:
I am not jealous;
No, I am just zealous
That you should not fall.
And I think I'll forgive,
Oh, I'm sure I'll forgive
If only you ~~[illegible]~~ tell me all.

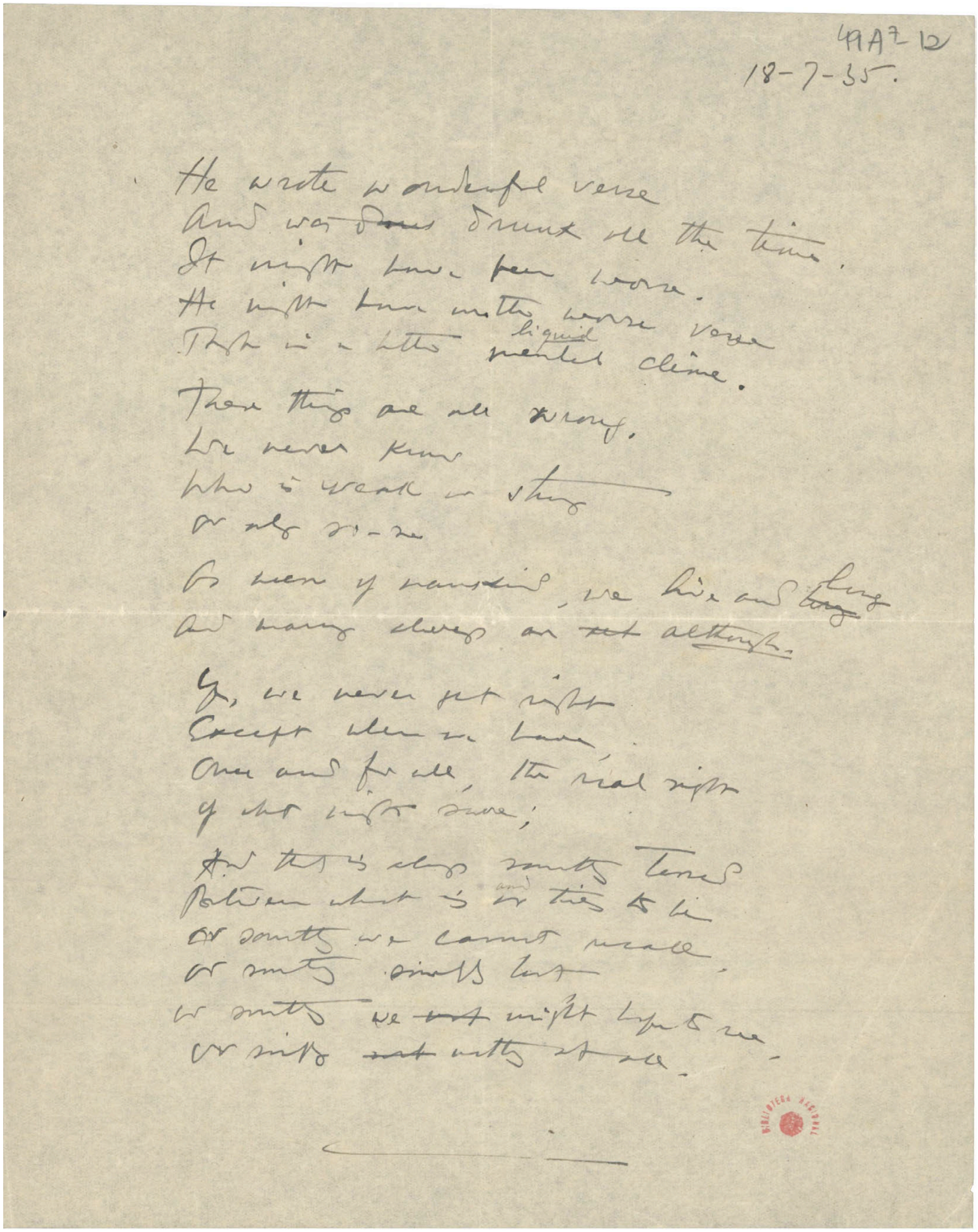
Was it just a touch
On your arm? Was it more?
Was it just a kiss
Or something more than this?
Tell me, tell me, although
It may pain me, oh pain me
To know.
Did you smile? Did you kiss? Did you fall?
I shall really forgive,
Oh I'm sure I'll forgive,
If only you tell me all.
~~I know nothing about~~
~~What happened, but doubt~~

I know nothing about
What happened, but say
~~What~~ What happened. You may.
Don't leave me in doubt.
The worst may ~~make part~~ make smart
~~In breaking~~ Or break my ~~poor~~ heart,
But I shall have the better part.
(Oh, it was not just a kiss:
It was more than this...
Oh, why did you fall?)
~~Oh~~, I shall have the better part,
For I'll ~~forgive,~~ really forgive,
Oh, my God, I'll forgive,
If ~~you only tell~~ only you tell me all.

28-4-1935.

O tio joga comigo para eu dizer a mâmã que o tio porto-se bem!

Fig. 19. "Was it just a kiss?..." (BNP/E3, 49A7-11r).


49A7 12
18-7-35.

He wrote wonderful verse
And was ~~[illegible]~~ drunk all the time.
It might have been worse.
He might have written worse verse
Though in a better ~~mental~~ liquid clime.

These things are all wrong.
We never know
Who is weak or strong
Or only so-so

As men of mankind, we live and ~~long~~ [illegible]
And many always are ~~not~~ altogether.

Yes, we never get right
Except when we have
Once and for all, the real right
Of not right more;

And that is always something termed
Between what is ~~or~~ and tries to be
Or something we cannot recall
Or something simply lost
Or something we ~~not~~ might hope to see
Or simply ~~not~~ nothing at all.

Fig. 20. "He wrote wonderful verse..." (BNP/E3, 49A7-12r).

III. "He wrote wonderful verse..." (BNP/E3, 49A[7]-12[r]).

18-7-35.

He wrote wonderful verse
And was drunk all the time.
It might have been worse.
He might have written worse verse
Though in a better liquid[54] clime.

These things are all wrong.
We never know
Who is weak or strong
Or only so-so.
As men of mankind, we live and long
And worry always on *although*.

Yes, we never get right
Except when we have,
Once and for all, the real sight
Of what might save;
And that is always something tossed
Between what is or tries to be
Or something we cannot recall,
Or something simply lost
Or something we might hope to see,
Or simply nothing at all.

IV. "Sim, um momento..." (BNP/E3, 63-29).

19-7-35

Sim, um momento
Ainda passas
Pelo meu vago pensamento,
E lembrar-te seria um tormento
Se imaginar fosse desgraças.

Sim, nessa hora
Em que falámos mais a olhar
Do que a falar

[54] mental [↑ liquid]

Resultou esta crónica demora
Que tenho agora ao te lembrar.

Apareceste
Em minha vida
Como uma coisa que estava lá fora.
Desapareceste.
Mais tarde soube da tua ida.

Contudo, contudo,
conseguiste
Prender-me um pouco o coração.
É um coração triste
E não
Se entende com tudo

Nem tem jeito
Para se fazer amar
Ou para o imaginar,
Salvo quando
Teu olhar
Teimosamente brando
Me fazia saltar
O coração dentro do peito.

Onde ia eu?
Já me esquecia...
Sim, o meu coração foi teu
Naquele dia,
Naquele dia ou noutro dia...
Nem se houvesse outra terra ou outro céu
Qualquer coisa aconteceria.

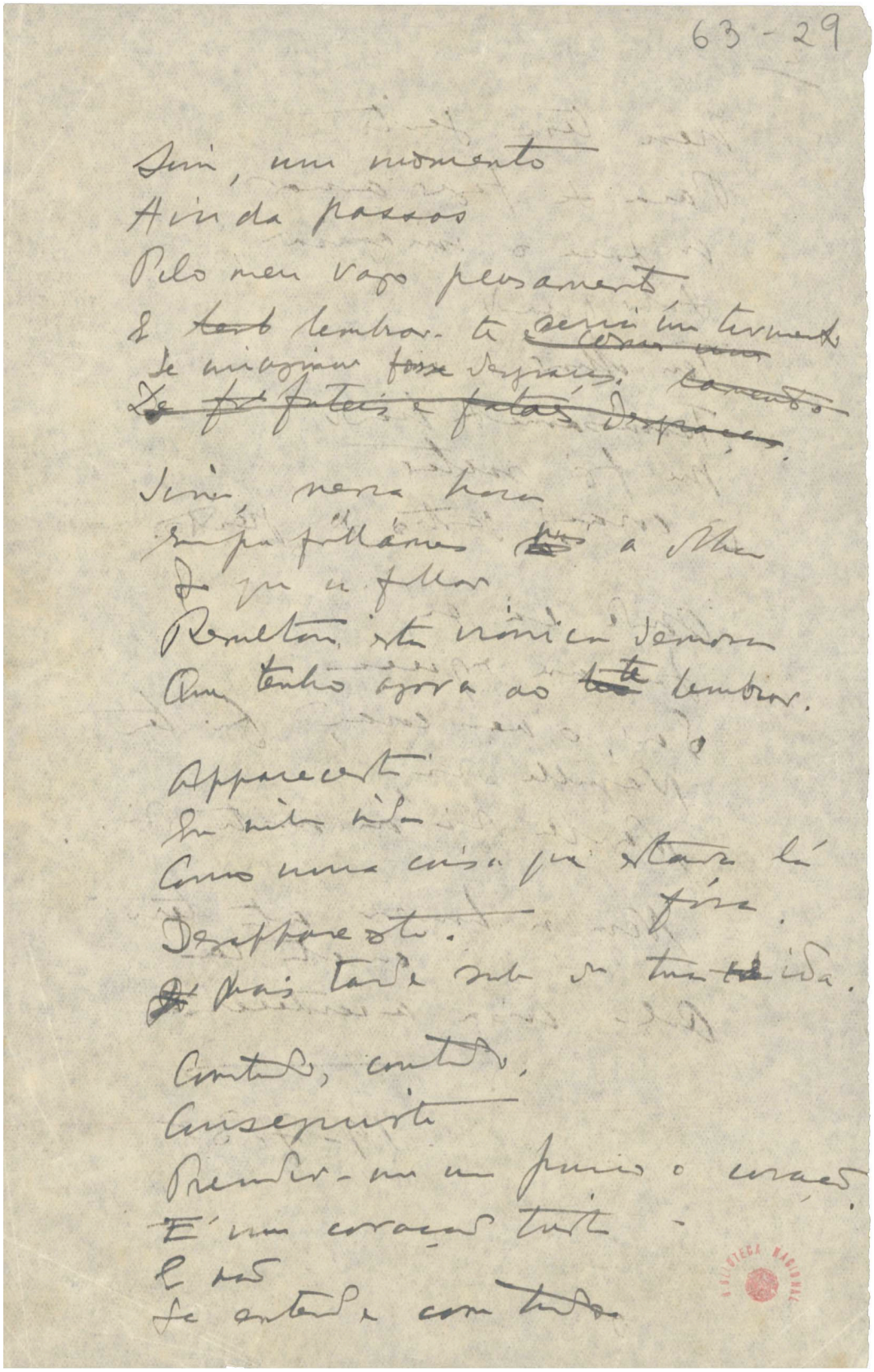


Fig. 21. "Sim, um momento..." (BNP/E3, 63-29r).

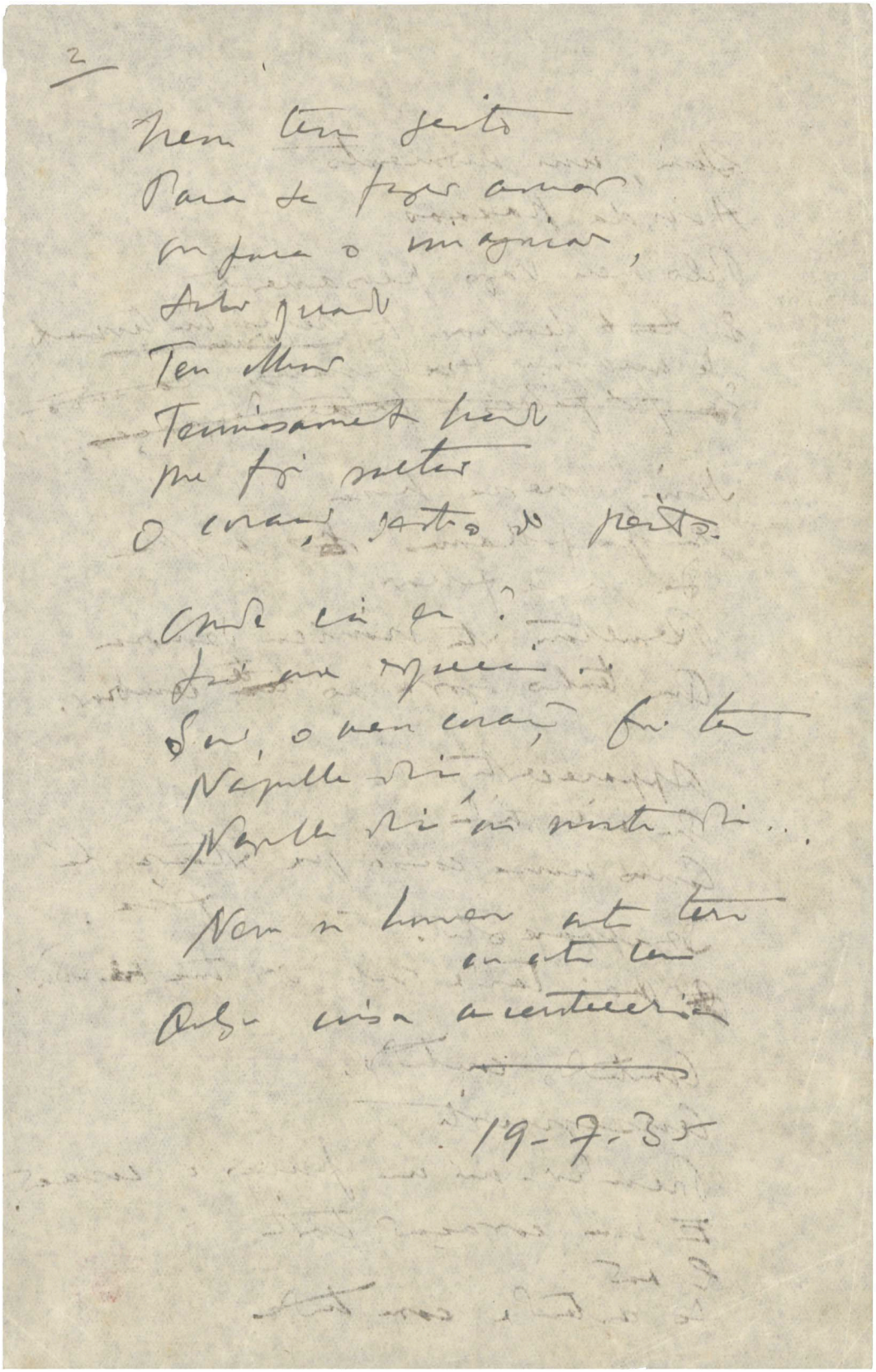


Fig. 22. "Sim, um momento..." (BNP/E3, 63-29v).

V. "Am I such..." (BNP/E3, 144F-5ʳ ; Verão-Outono de 1935).

Am I such
As you won't touch,
So much so much beyond recall?
Well, it doesn't matter much
It doesn't matter at all!

You said you were glad
To be with me,
And that when you were sad
You didn't feel so bad
When I spoke and you laughed
And you really laughed.

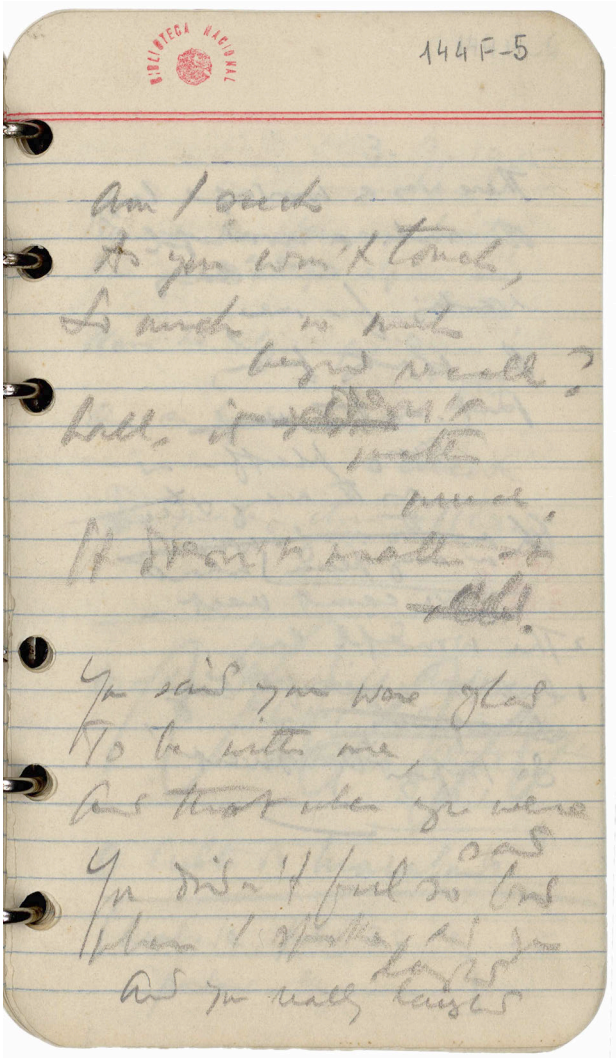


Fig. 23. "Am I such..." (BNP/E3, 144F-5ʳ).

VI. “There was a wonderful lady...” (BNP/E3, 144F-5ᵛ; Verão-Outono de 1935).

There was a wonderful lady,
Oh such a wonderful lady
Waiting for me,
Oh waiting for me,
But on the wrong platform or on the wrong street
Or in any place where we cannot meet...
Such a wonderful lady
The wonderful lady
So impossibly sweet!

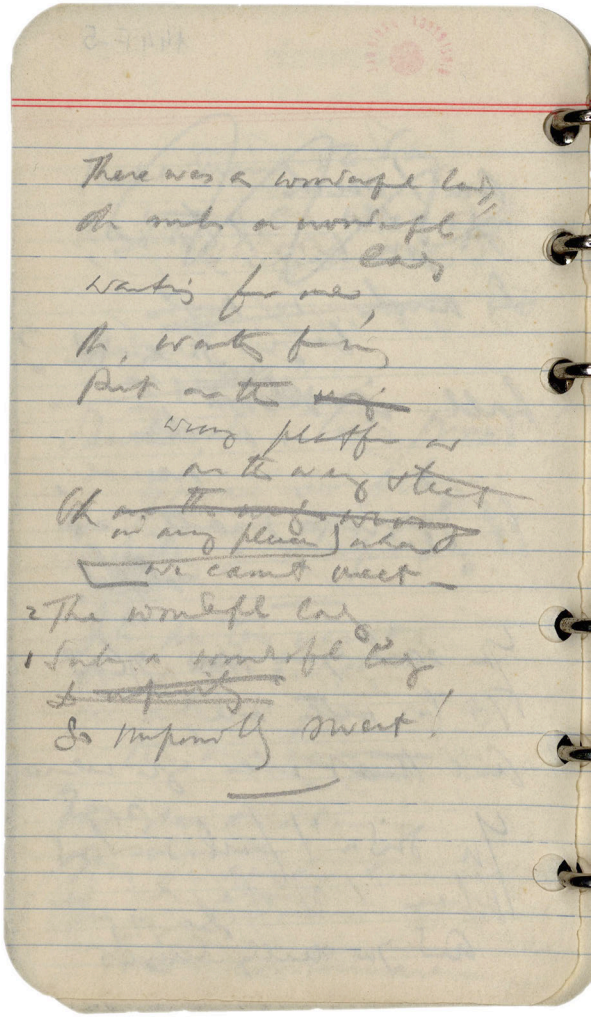


Fig. 24. “There was a wonderful lady...” (BNP/E3, 144F-5ᵛ).

VII. “The girl I had and lost...” (BNP/E3, 49A^{7}-14^{r}).

28-7-1935

The girl I had and lost...
Of course she had to be...
She had to be lost,
To be lost to me.
I loved her and I thought
She loved me like I her,
But she’d another thought.

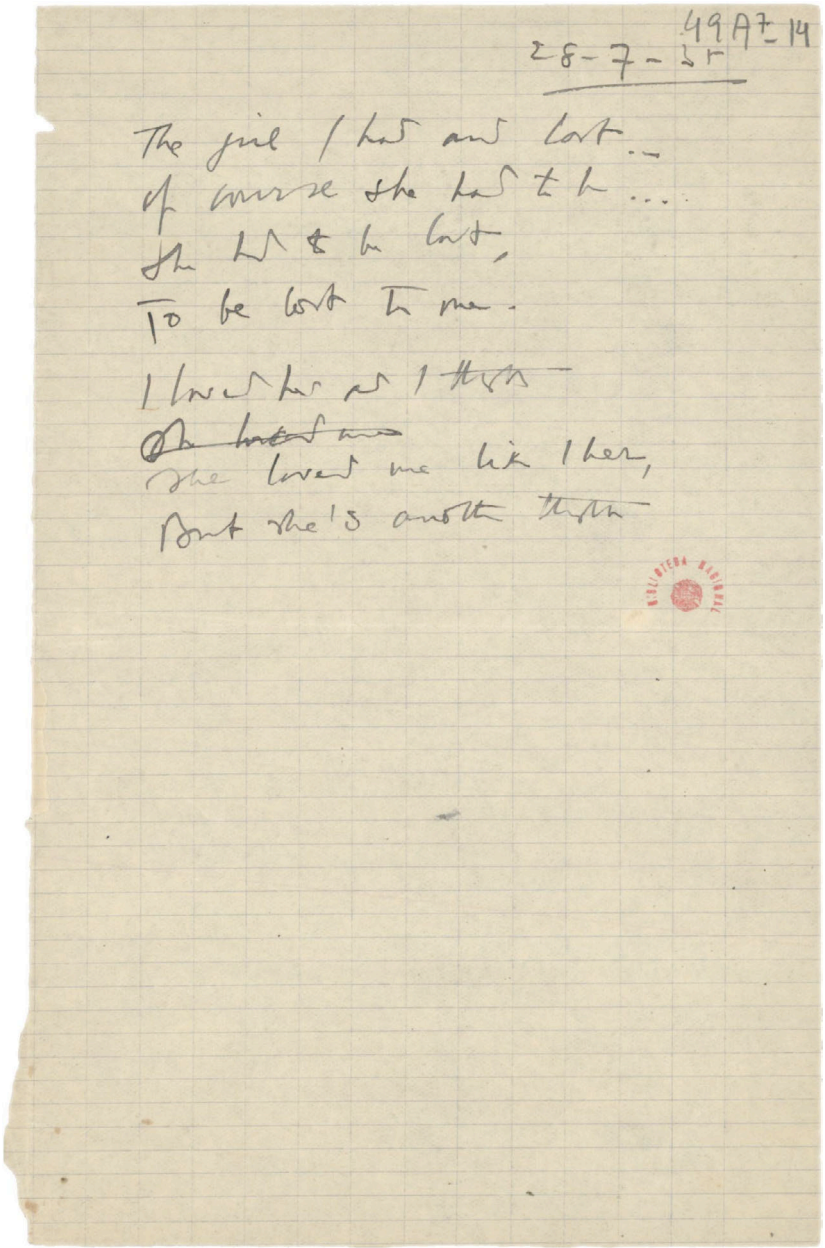


Fig. 25. “The girl I had and lost...” (BNP/E3, 49A^{7}-14^{r}).

VIII. "A Outra" (BNP/E3, 16-49^{r} e 49a^{r}).

28-7-1935

A Outra

Amamos sempre no que temos
O que não temos quando amamos.
O barco pára, largo os remos
E, um a outro, as mãos nos damos.
A quem dou as mãos?
À Outra.

Teus beijos são de mel de boca,
São os que sempre pensei dar,
E agora a minha boca toca
Os beiços que sonhei beijar[55].
De quem são os beiços[56]?
Da Outra.

Os remos já caíram na água,
O barco faz o que a água quer.
Meus braços vingam minha mágoa
No abraço que enfim podem ter.
Quem abraço?
A Outra.

Bem sei, és bela, és quem desejei...
Não deixe a vida que eu deseje
Mais que o que pode ser teu beijo
E poder ser eu que te beije
Beijo, e em que penso?
Na Outra.

Os remos vão perdidos já,
O barco vai não sei para onde.
Que fresco o teu sorriso está,
Ah, meu amor, e o que ele esconde!
Que é do sorriso
Da Outra?

[55] A boca que eu [↑ Os beiços que] sonhei beijar

[56] De quem é a boca [↑ os beiços]

Ah, talvez, mortos ambos nós,
Num outro rio sem lugar
Em outro barco outra vez sós
Possamos nós recomeçar,
Que talvez sejas
A Outra.

Mas não, nem onde essa paisagem
É sob eterna luz eterna
Te acharei mais que alguém na viagem
Que amei com ansiedade terna
Por ser parecida
Com a Outra.

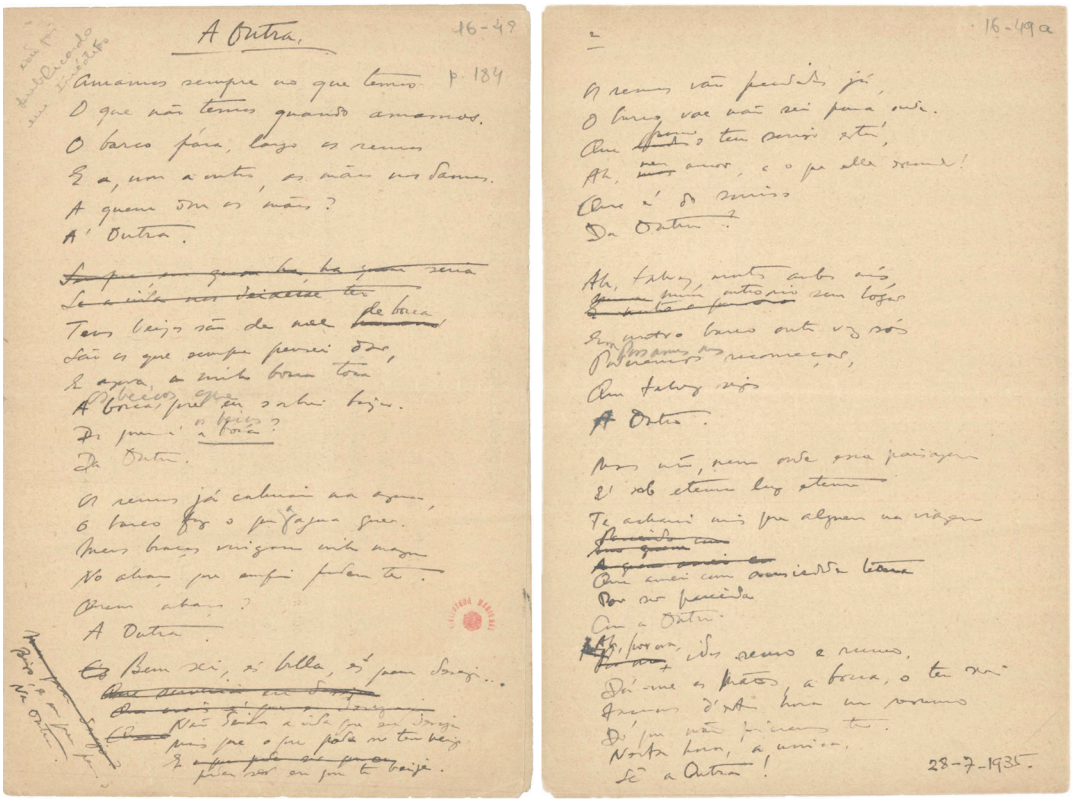
Ah, por ora, idos remo e rumo,
Dá-me as mãos, a boca, o teu ser.
Façamos desta hora um resumo
Do que não poderemos ter.
Nesta hora, a única,
Sê a Outra.

IX. "Argumentamos em vão..." (BNP/E3, 63-48^{r}).

2-XI-1935.

Argumentamos em vão.
Distraído, certo, bate
Por trás do nosso debate
O coração.

Sei bem que gostas de mim,
Sabes bem quanto te quero,
E argumentamos assim,
No tom arrastado e insincero
De quem fala só de coisas
Que nada têm connosco,
Como quem com mãos ociosas,
Num gesto alheado e manso,
Limpa o pó de um manipanso
Santo e tosco.



Figs. 26 e 27. "Argumentamos em vão..." (BNP/E3, 63-48r).

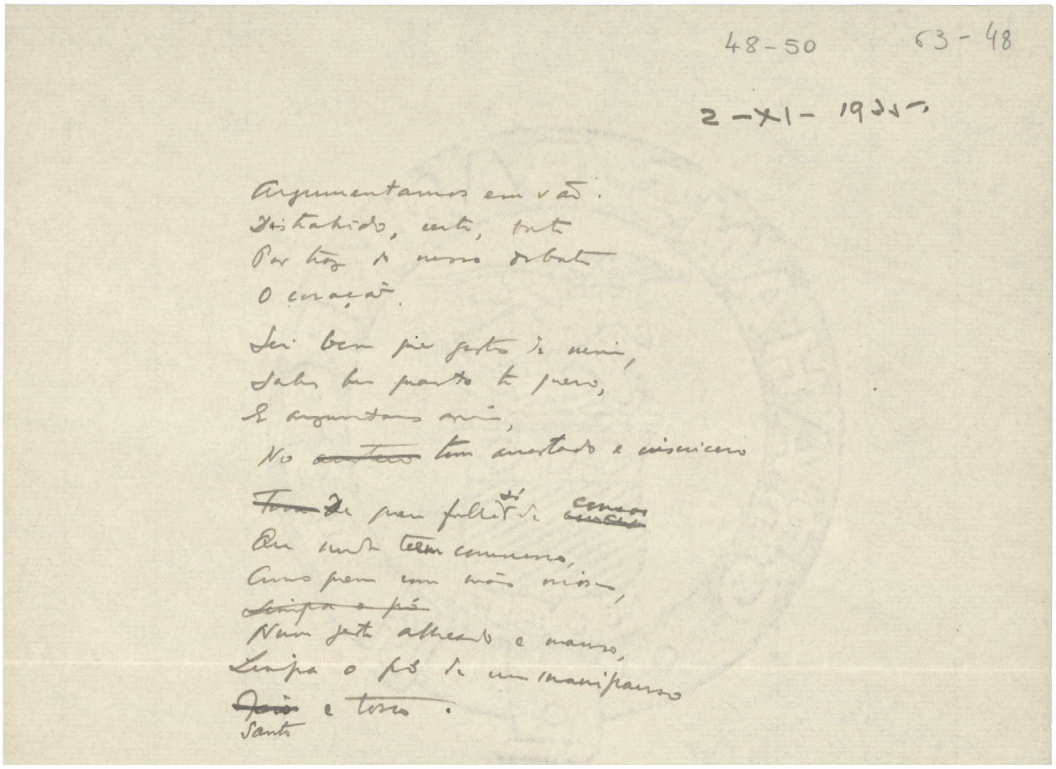


Fig. 28. "Argumentamos em vão..." (BNP/E3, 63-48r; metade superior).

X. “Nunca te achei nem te vi...” (BNP/E3, 63-48r).

3-XI-1935

Nunca te achei nem te vi.
Mas, por imaginação,
Dói de ti meu coração:
Tenho saudades de ti.

Nunca, amor, te conheci.
Mas, sem saber se existes,
Meus olhos de ti estão tristes:
Tenho saudades de ti.

Quando outra achei, te perdi,
Só por a ter encontrado.
Não sei se és sonho ou pecado,
Sei que, enganado e exilado,
Tenho saudades de ti.

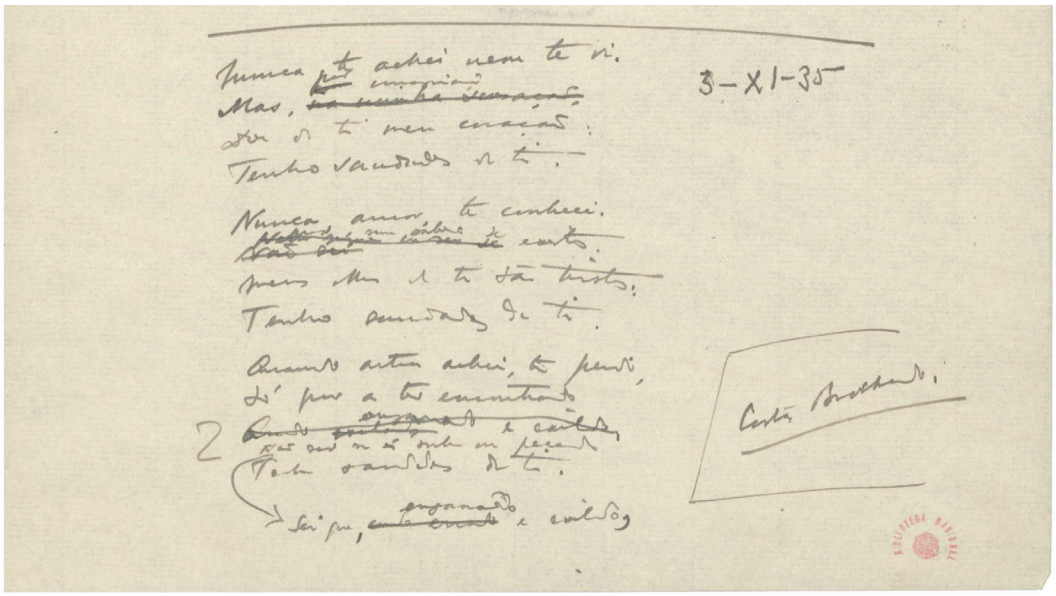


Fig. 29. “Argumentamos em vão...” (BNP/E3, 63-48r; metade inferior).

Bibliografia

CASTRO, Fernanda de (1988). *Ao fim da memória*. Lisboa: Verbo, vol. II.

CAVALCANTI, José Paulo (2011). *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*. Rio de Janeiro: Record.

CRESPO, Ángel (1989). "El último amor de Fernando Pessoa", in *Revista de Occidente,* n.º 94, Madrid, pp. 5-26.

FRANÇA, Isabel Murteira (1987). *Fernando Pessoa na Intimidade*. Lisboa: Dom Quixote.

LOPES, Teresa Rita (1990). *Pessoa por conhecer, II – Textos para um novo mapa*. Lisboa: Estampa.

MONTEIRO, Adolfo Casais (1954). *Fernando Pessoa: o insincero verídico*. Lisboa: Ed. Inquérito.

MOURÃO-FERREIRA, David; QUEIROZ, Maria da Graça (1978). *Cartas de amor de Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática.

NOGUEIRA, Manuela; AZEVEDO, Maria da Conceição (1996) (eds.). *Cartas de amor de Ofélia a Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim.

PESSOA, Fernando (2016). *English Poetry*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.

_____ (2015). *Associações Secretas e outros escritos*. Edição de José Barreto, Lisboa: Ática.

_____ (2014). *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.

_____ (2011). *Sobre o fascismo, a Ditadura Militar e Salazar*. Edição de José Barreto. Lisboa: Tinta-da-china.

_____ (2000). *Poesia Inglesa*. Edição de Luísa Freire. Lisboa: Assírio & Alvim, vol. II.

_____ (1960). *Obra Poética*. Edição de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar, 1960.

_____ (1935). "Nota ao acaso" [de Álvaro de Campos], in *Sudoeste*, n.º 3, Lisboa, Novembro, p. 7.

PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2013). "Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz: objectos de amor", in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 4, Dezembro, pp. 153-195.

PIZARRO, Jerónimo; PITTELLA, Carlos (2016). *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a sua Vida. Primeiras Lições*. Lisboa: Tinta-da-china.

QUEIROZ, Carlos (1936). "Fragmentos de algumas cartas de amor de Fernando Pessoa" e "Carta à memória de Fernando Pessoa", in *Presença*, n.º 48, Coimbra, Julho, pp. 2-3 e 9-11.

SEVERINO, Alexandrino E.; JENNINGS, Hubert D. (2013). "In praise of Ophelia: an interpretation of Pessoa's only love", in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 4, Dezembro, pp. 1-30.

SILVA, Manuela Parreira da (2012) (ed.). *Cartas de amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz*. Lisboa: Assírio & Alvim.

WINTERBOTHAM, F. W. [Frederick William] (1974). *The Ultra Secret*. New York: Harper and Row.